

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Julio Cezar de Pinho Junior

**A SOBERANIA DE DEUS E A RESPONSABILIDADE HUMANA
NO CRESCIMENTO DA IGREJA LOCAL**

**São Paulo
2023**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Julio Cezar de Pinho Junior

**A SOBERANIA DE DEUS E A RESPONSABILIDADE HUMANA
NO CRESCIMENTO DA IGREJA LOCAL**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Chun Kwang Chung.

São Paulo
2023

Julio Cezar de Pinho Junior

**A SOBERANIA DE DEUS E A RESPONSABILIDADE HUMANA
NO CRESCIMENTO DA IGREJA LOCAL**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (*MDiv*) na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Chun Kwang Chung.

Aprovação 06 / 11 / 2023

Orientador: Professor: Chun Kwang Chung

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Julio Cezar de Pinho Junior**

Programa: Magister Divinitatis (MDiv) – Estudos pastorais

Título do Trabalho: A soberania de Deus e a responsabilidade humana no crescimento da igreja local.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

RESUMO

Este trabalho defende que o crescimento numérico da igreja local é apresentado na bíblia dependente (1) do agir soberano de Deus e (2) da responsabilidade humana. Uma vez que esse é um artigo de teologia prática, iremos trabalhar questões teóricas e práticas dessa afirmação. Primeiro, será feita, por meio da exposição de alguns textos bíblicos selecionados, a defesa bíblica dessa tese. Após essa defesa, será apresentado alguns perigos que existe quando não mantemos essas duas verdades equilibradas no contexto da igreja local. Por fim, será explorado como o apóstolo Paulo equilibrava essas duas verdades em seu ministério.

PALAVRAS-CHAVE: Soberania divina, Responsabilidade humana; Crescimento de Igrejas.

ABSTRACT

This work argues that the numerical growth of the local church is presented in the Bible as dependent on (1) the sovereign action of God and (2) human responsibility. Since this is a practical theology article, we will work on theoretical and practical issues in this statement. First, through the exposition of some selected biblical texts, the biblical defense of this thesis will be made. After this defense, some dangers that exist when we do not keep these two truths balanced in the context of the local church will be presented. Finally, it will be explored how the apostle Paul balanced these two truths in his ministry.

KEY WORDS: Divine sovereignty, Human responsibility; Church Growth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - TEXTOS BÍBLICOS SOBRE A SOBERANIA DE DEUS E A RESPONSABILIDADE HUMANA NO CRESCIMENTO NUMÉRICO DA IGREJA.....	11
<i>(1) 1Coríntios 3.5-9.....</i>	11
<i>(2) Romanos 10.14-15</i>	14
<i>(3) Atos 18.9-11</i>	17
<i>(4) Conclusão dos textos supracitados</i>	20
CAPÍTULO 2 - O PERIGO DE NÃO EQUILIBRAR ESSAS DUAS VERDADES NO CONTEXTO DA IGREJA LOCAL	23
<i>(1) O Perigo de enfatizar a responsabilidade humana em detrimento da soberania divina.....</i>	23
<i>(2) O Perigo de enfatizar a soberania divina em detrimento da responsabilidade humana.....</i>	26
<i>(3) O desequilíbrio entre a responsabilidade humana e a soberania de Deus tem gerado igrejas disfuncionais.....</i>	31
CAPÍTULO 3 - EQUILIBRANDO A RESPONSABILIDADE HUMANA E A SOBERANIA DE DEUS: A PRÁTICA MINISTERIAL DO APÓSTOLO PAULO	33
<i>(1) Oração</i>	33
<i>(2) Pregação ousada e integral do evangelho</i>	35
<i>(3) Profundo amor por incrédulos e desejo intenso de que eles se convertam</i>	36
<i>(4) Iniciativas múltiplas e intencionais para evangelizar os perdidos</i>	38
<i>(5) Pregação contextualizada aos ouvintes.....</i>	40
<i>(6) Flexibilidade cultural estratégica</i>	42
<i>(7) Formação de novos líderes.....</i>	44
<i>(8) Plantação de novas igrejas como principal estratégia de expansão</i>	46
CONCLUSÃO.....	48
BIBLIOGRAFIA	49

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é contribuir para o debate atual sobre o papel da liderança no crescimento numérico da igreja local¹.

De modo mais estruturado, o debate sobre o papel da liderança no crescimento da Igreja, começa em 1955, quando Donald McGavran publicou um livro intitulado “The Bridges os God”, lançando as bases do Movimento de Crescimento de Igrejas (MCI). Em 1961, Donald McGavran institucionaliza suas ideias, iniciando o Instituto de Crescimento de Igrejas na Northwest Christian College, o qual foi transferido para o Fuller Theological Seminary em 1965². Em 1970 McGavran publicou a principal literatura do movimento, intitulada “Understanding the Church Growth”. Nas palavras de Peter Wagner, que se tornou líder do movimento após Donald McGavran,

Crescimento de Igrejas é a disciplina que investiga a natureza, expansão, nascimento, multiplicação, função e saúde das igrejas cristãs, enquanto se relacionam com a implementação efetiva da incumbência de Deus para “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28.18-20). Estudantes do Crescimento de Igrejas esforçam-se para integrar os eternos princípios teológicos com os melhores critérios das ciências sociais e comportamentais contemporâneas, empregando como estrutura inicial de referência o trabalho fundamental de Donald McGavran³.

Após 1970, o Instituto cresceu, ganhou visibilidade e influenciou muitos pastores e líderes de igrejas locais. A partir de então, aqueceu-se o debate nos círculos eclesiais e acadêmicos sobre o papel da liderança no crescimento numérico da Igreja, debate esse que continua aquecido até os dias atuais.

Na avaliação de Ed Stetzer, o MCI pós McGavran focou em um método missiológico e não em uma filosofia missiológica⁴, o que gerou decepção em muitos que adotaram seus métodos sem o sucesso esperado. Assim, fruto desses debates e decepções, vemos a partir de 1990 outros movimentos eclesiológicos sendo gerados e ganhando visibilidade, como uma reação às propostas do MCI.

¹ Sobre esse tema, há diversos artigos espalhados pela internet, diversos vídeos no Youtube, diversos artigos científicos em bases de dados, diversos livros escritos, há instituições focadas na capacitação de obreiros para plantação de novas igrejas, outras instituições para capacitação de obreiros para a revitalização de igrejas, há conferências sobre esse tema, etc.

² RAINER, Thom S. *The Book of Church Growth: History, theology, and principles*. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 1993, p. 43;

³ WAGNER, Peter Apud RAINER, Thom S. *The Book of Church Growth: History, theology, and principles*, p. 9.

⁴ Cf. STETZER, Ed. *The Evolution of Church Growth, Church Health, and the Missional Church: An Overview of the Church Growth Movement from, and back to, Its Missional Roots*. Journal of the American Society for Church Growth, Winter 2006.

O primeiro movimento significativo que surgiu a partir do debate levantando pelo MCI foi o Movimento de Igrejas Saudáveis⁵. A defesa desse movimento era que a liderança não deveria buscar o crescimento, mas a saúde da igreja, porque igrejas saudáveis cresceriam. Os principais expoentes do movimento de Igrejas Saudáveis foram Rick Warren com seu livro “The Purpose driven Church”⁶ (1995) e Christian A. Schwarz com seu livro “Natural Church Development” (1996)⁷.

Um segundo movimento significativo que surgiu a partir dos debates do MCI e também do movimento de Igrejas Saudáveis, é o movimento de Igrejas Missionais⁸. Alguns de seus principais expoentes são Darrell Guder com seu livro “Missional Church”⁹ (1998), Ed Stetzer com seu livro “Planting Missional Churches”¹⁰ (2016) e Michael Goheen com seu livro “A light to the nations – The missional church and the biblical story”¹¹ (2011). Tim Keller também tem defendido as ideias do movimento de Igrejas Missionais, embora sua proposta vá além da discussão eclesiológica, conforme vemos no livro “Center Church: Doing balanced, Gospel-centered ministry in your city”¹² (2012).

Podemos citar um terceiro movimento significativa que surgiu a partir desse debate: 9Marks, liderado por Mark Dever e popularizado por seu livro “Nine Marks of a Healthy Church”¹³ (2013).

Dentre as muitas questões que fazem parte dessa discussão eclesiológica recente, iniciada pelo MCI estão os seguintes questionamentos: Precisamos trabalhar pelo crescimento da igreja ou isso é atribuição exclusiva de Deus? Falta de crescimento numérico na igreja local pode apontar para um problema na liderança? Devemos estruturar a Igreja pensando nas mudanças culturais, para assim alcançar o maior número de pessoas? Se sim, como fazer isso de modo saudável?

⁵ Cf. STETZER, Ed. *The Evolution of Church Growth, Church Health, and the Missional Church: An Overview of the Church Growth Movement from, and back to, Its Missional Roots*, p. 94.

⁶ Disponível em português em: WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo, SP: Editora Vida, 2008.

⁷ Disponível em português em: SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da Igreja*. Curitiba, PR: Editora esperança, 2010.

⁸ Cf. STETZER, Ed. *The Evolution of Church Growth, Church Health, and the Missional Church: An Overview of the Church Growth Movement from, and back to, Its Missional Roots*, p. 96.

⁹ Cf. GUDER, Darrell L. *Missional Church: A vision for the sending os church in North America*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing, 1998.

¹⁰ Disponível em português em: STETZER, Ed. *Plantando igrejas missionais*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2015.

¹¹ Disponível em português em: GOHEEN, Machael W. *A igreja missional na Biblia*. São Paulo, SP: Vida nova, 2014

¹² Disponível em português em: KELLER, Tim. *Igreja Centrada*. Trad. Eulália Pacheco Kregness. São Paulo, SP: Vida nova, 2014.

¹³ Disponível em português em: DEVER, Mark. *Nove marcas de uma Igreja Saudável*. São José dos Campos, SP: 2018.

Quais recursos podemos usar pensando em promover o crescimento da Igreja local? Podemos dizer que no centro dos questionamentos acima, está uma tensão teológica debatida no decorrer dos séculos: Como equilibrar a responsabilidade humana e a soberania de Deus?

Diante desse contexto, o presente artigo pretende contribuir para o debate sobre como equilibrar a responsabilidade humana e a soberania de Deus no crescimento numérico da igreja local, com o objetivo de oferecer princípios para nortear a filosofia de ministério de pastores e líderes. Pretende-se fazer isso seguindo o seguinte caminho: no primeiro tópico, exploraremos textos bíblicos que tratam do crescimento da Igreja tanto na perspectiva da soberania divina, quanto na perspectiva da responsabilidade humana, mostrando assim como a Bíblia mantém em tensão¹⁴ e equilíbrio essas duas realidades. No segundo tópico, pretende-se demonstrar o perigo de não manter essas duas verdades em tensão e equilíbrio, gerando assim ministérios disfuncionais. Por fim, no terceiro tópico, pretende-se explorar o ministério de Paulo, visando pontuar como o apóstolo equilibrava essas duas verdades na prática.

¹⁴ A palavra “tensão” aplicada a esse assunto vem de um livro escrito por D.A. Carson sobre o tema (Cf. CARSON, D. A. *Soberania divina e responsabilidade humana: Perspectivas bíblicas em tensão*. Edição do Kindle. São Paulo: Vida nova, 2020).

CAPÍTULO 1 - TEXTOS BÍBLICOS SOBRE A SOBERANIA DE DEUS E A RESPONSABILIDADE HUMANA NO CRESCIMENTO NUMÉRICO DA IGREJA

Antes de explorarmos alguns textos bíblicos, há três observações a serem feitas:

(1) Quando falamos de crescimento numérico da igreja local, estamos considerando o crescimento por meio da conversão de incrédulos, que culmina em batismo, profissão de fé e membresia em uma igreja local. O crescimento numérico de uma igreja local por meio de transferência não é verdadeiro crescimento, uma vez que não estão sendo efetivamente acrescentadas pessoas à igreja visível de Cristo.

(2) Iremos trabalhar apenas três textos bíblicos, com o propósito de provar biblicamente que o crescimento numérico da igreja local depende do agir de Deus em cooperação com o agir do homem. Poderíamos trabalhar muitos outros textos que evidenciam essa verdade, mas entendemos que apenas esses três textos bíblicos são suficientes.

(3) Os textos não serão trabalhados de modo exaustivo. Iremos abordar apenas os aspectos que forem pertinentes para a discussão do nosso tema.

(1) 1Coríntios 3.5-9

Nesse texto, Paulo estava repreendendo a igreja de Corinto por estar tendo uma atitude carnal com relação a seus líderes (1Co 3.1). A igreja, influenciados pela cultura grega da época, estava exaltando e se gloriando em obreiros que tinham uma vasta cultura e boa eloquência¹⁵. Na ocasião, haviam aqueles que exaltavam Paulo e outros que exaltavam Apolo. Nesse cenário, Paulo faz algumas afirmações destacando a soberania de Deus no desenvolvimento da Igreja de Corinto.

Primeiro ele diz: *Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. (1Co 3.3)*. Paulo apresenta a si mesmo e a Apolo como meros servos, que estavam desempenhando uma função concedida e ordenada pelo Senhor, e que foram usados pelo próprio Senhor para que os coríntios cressem. Como disse Mark Taylor “A ênfase recai sobre o fato de que Paulo e Apolo eram apenas aqueles através dos quais os coríntios acreditavam e que foi o próprio Senhor quem deu um determinado papel a cada um.

¹⁵ Cf. NICODEMUS, Augustus. *Salvos pelo fogo (1Co 3.5-17)*. Youtube, 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Y5C1Wgo3KrE&list=PLQ_KBt7xtI95xrCEtK1k6uwdsWfupUTT&index=8>. Acesso em 03/10/23.

Paulo e Apolo eram meros instrumentos da obra do Senhor”¹⁶. A ênfase de Paulo é que tanto o ministério como os dons foi Deus quem deu a ele e Apolo. Além disso, não foram eles que implantaram a fé dos coríntios, mas foi o próprio Deus.

Paulo então continua sua argumentação dizendo: “*Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.*” (1Co 3.6-7). Paulo e Apolo haviam servido na igreja de Corinto, e ambos os ministérios foram frutíferos, mas o importante não é o ministério de um ou de outro, porque, por mais que eles tenham trabalhado e se empenhado, Deus foi quem deu o crescimento. Por duas vezes Paulo enfatiza que o crescimento vem do Senhor! Um detalhe gramatical interessante é que, quando Paulo fala do trabalho dele e Apolo (“plantei” e “regou”), ele usa o aoristo grego, o que aponta para uma ação pontual no passado¹⁷. Mas quando ele fala do crescimento que veio do Senhor, ele usa o tempo grego imperfeito, que aponta para uma ação contínua no passado¹⁸. Podemos parafrasear o verso 6 da seguinte forma: “Eu e Apolo fizemos algumas coisas no passado, mas podem ter certeza de uma coisa: Quem realmente estava trabalhando em todo o tempo por meio de nós, fazendo vocês verdadeiramente crerem e crescerem espiritualmente era o Senhor”.

Aqui somos lembrados que por mais que nos esforcemos e trabalhemos, sem o agir de Deus, ninguém jamais irá se converter. Se Deus não der o crescimento, todo nosso esforço é vão. Isso porque, por natureza, todo homem está espiritualmente morto (depravação total). Herman Bavinck nos explica melhor a incapacidade espiritual humana:

Assim como o pecado original se estende por toda a humanidade, ele se estende também por toda a pessoa. Ele exerce influência sobre toda a pessoa, sobre a mente e a vontade, o coração e a consciência, a alma e o corpo, sobre todas as capacidades e poderes de uma pessoa. O coração de uma pessoa é mau desde a sua mocidade e uma fonte de todos os tipos de males (Gn 6.5; 8.21; Sl 51.5; Jr 17.9; Ez 36.26; Mc 7.21). Uma pessoa não pode renovar o seu interior (Jr 13.23; Ez 16.6), entender as coisas de Deus (1Co 2.14) ou submeter-se à lei de Deus (Jo 8.34, 36; Rm 6.17, 20; 8.7), e está morta por causa de seus delitos e pecados (Ef 2.1). O novo nascimento, portanto, é um pré-requisito para se entrar no reino de Deus (Jo 3.3). Toda a salvação é, objetiva e subjetivamente, uma obra da graça divina (Jo 6.44; 15.5; 1Co 4.7; 15.10; fp 2.13; *etc.*)... Eles [os seres humanos] são, por natureza, inclinados a odiar a Deus e ao próximo.¹⁹

¹⁶ TAYLOR, Mark, *1 Corinthians - The New American Commentary*. Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2014, p. 101, tradução nossa.

¹⁷ REGA, Lourenço Stelio. *Noções do grego bíblico: Gramática fundamental*. São Paulo, SP: 2004, p. 137-138.

¹⁸ REGA, Lourenço Stelio. *Noções do grego bíblico: Gramática fundamental*, p. 129.

¹⁹ BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada: O Pecado e a Salvação em Cristo*. Org. John Bolt, trad. Vagner Barbosa, 1ª edição, vol. 3. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012, p. 123.

Diante dessa dura realidade acerca da natureza pecaminosa humana, o que podemos fazer para promover o crescimento da igreja? Por mais persuasivos que sejamos em nossa pregação, e por mais sábios que sejamos na condução dos trabalhos, se dependermos de nós mesmos, todos nossos esforços serão inúteis e nossa pregação sempre cairá em ouvidos surdos. A menos que haja uma intervenção sobrenatural divina, não há esperança nenhuma.

Chamamos, na teologia, essa intervenção sobrenatural divina de regeneração e vocação eficaz. A regeneração é “...o ato de Deus pelo qual o princípio da nova vida é implantado no homem, e a disposição dominante da alma é tornada santa”²⁰. E junto com a regeneração, há o chamado eficaz. Berkhof explica a vocação eficaz da seguinte forma:

Tendo recebido os ouvidos espirituais, o chamamento de Deus pelo Evangelho é agora ouvido pelo pecador e é levado efetivamente ao coração, capacitando-o para compreendê-lo. O desejo de resistir é transformado num desejo de obedecer, e o pecador se rende à influência persuasiva da Palavra pela operação do Espírito Santo. *Esta é a vocação eficaz, pela instrumentalidade da palavra da pregação, efetivamente aplicada pelo Espírito de Deus.*²¹

Por isso, Paulo conclui que ele e Apolo não são pessoas importantes e significativas, que merecem destaque e glória, mas somente o Senhor, porque no fim, todo crescimento vem dEle e somente dEle. Afinal é Ele quem opera a regeneração de corações totalmente depravados e utiliza a pregação da Palavra para chamar eficazmente pecadores ao arrependimento. De fato, todo crescimento vem do Senhor e somente do Senhor! Como disse Alan Johnson:

Este ponto de vista deveria desinflar a ostentação orgulhosa e competitiva de alguns em Corinto em favor de Paulo contra Apolo, ou, mais provavelmente, de Apolo contra Paulo. Deus está no centro do palco. Todos os seus servos tornam-se insignificantes se realmente o adorarmos e o colocarmos no centro de tudo.²²

Paulo finaliza o uso da ilustração da lavoura, dizendo: *Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho. Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós. (1Co 3.8-9)*. Uma coisa muito interessante que esse texto nos mostra é que, apesar de Paulo e Apolo serem apenas servos e instrumentos nas mãos do Senhor, que é o dono da obra, o trabalho deles será reconhecido, de modo que eles receberão um galardão. Isso porque eles são “cooperadores (συνεργοί) de Deus”.

²⁰ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. trad. Odayr Olivetti. Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1990, p. 463.

²¹ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*, p. 465, 466.

²² JOHNSON, Alan F., *1 Corinthians*, vol. 7, *The IVP New Testament Commentary Series*. Westmont: IVP Academic, 2004, p. 73, tradução nossa.

A palavra “συνεργοί” carrega o sentido de “trabalhar junto, ajudador, colega de trabalho”²³. Essa palavra é usada 13 vezes no Novo Testamento²⁴, das quais 10 vezes são usadas por Paulo para se referir a pessoas que o ajudaram no ministério²⁵. O uso dessa palavra, junto com a ilustração da lavoura, é significativo porque destaca que, por um lado os trabalhadores da lavoura do Senhor não merecem glória, porque o trabalho e os dons que eles possuem foram recebidos pelo Senhor e também porque eles não são a fonte do crescimento efetivo da igreja. Mas por outro lado, a instrumentalidade deles foi estabelecida por Deus como indispensável para o crescimento da igreja. Como diz o comentarista do NIGTC: “...os ministros, tal como os trabalhadores agrícolas, desempenham tarefas que continuam a ser condições para o crescimento (não fontes de crescimento). Assim, tanto o seu aspecto de “status inferior” quanto o aspecto de “status elevado” recebem justificativa simultânea²⁶”.

Diante da breve exposição acima, podemos afirmar que o crescimento da Igreja depende totalmente do agir soberano da graça de Deus. Paulo é muito enfático ao afirmar que o crescimento da lavoura do Senhor, ou seja, a conversão, batismo e inserção na igreja de novas pessoas, não é resultado da habilidade, da eloquência, da sabedoria ou do carisma de um líder ou dos líderes de uma igreja. Antes é resultado da ação poderosa do Senhor. Por isso, não há espaço algum na igreja cristã, para exaltação de líderes e nem preferência de um em detrimento do outro.

Ao mesmo tempo que todo trabalho é fruto da ação de Deus, Ele mesmo resolveu dar o crescimento da igreja pela instrumentalidade de homens que ele chamou e capacitou para o ministério, fazendo desses seus cooperadores no crescimento da igreja. Embora essa não seja a ideia central do texto em questão, vemos essa verdade sendo trazida a nós também.

Sendo assim, esse texto nos apresenta duas ideias: O Crescimento da igreja depende da obra soberana de Deus, que promove esse crescimento por meio de cooperadores que são capacitados e usados por Ele.

(2) Romanos 10.14-15

O livro de Romanos é a exposição mais completa de Paulo do evangelho. Nos capítulos 9 a 11 Paulo faz uma exposição sobre o evangelho de Cristo diante das promessas feitas à nação de

²³ Cf. ARNDT, William et al., *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 969, tradução nossa.

²⁴ Rm 16.3; 1Co 3.9; 2Co 1.24; Fp 4.3, Fm 24; 3Jo 8; Rm 16.9; Rm 16.21; 2Co 8.23; Fp 2.25; Cl 4.11; 1Ts 3.2 e Fm 1.

²⁵ Rm 16.3; Fp 4.3, Fm 24; 3Jo 8; Rm 16.9; Rm 16.21; 2Co 8.23; Fp 2.25; Cl 4.11 e Fm 1.

²⁶ THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the Greek text, New International Greek Testament Commentary*. Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 2000, p. 302, tradução nossa.

Israel²⁷. No capítulo 9 Paulo afirma que, embora a nação de Israel, de modo geral, tenha rejeitado o Messias, as promessas não falharam porque, mesmo dentro de Israel, há um remanescente fiel, eleito e predestinado pelo Senhor para a fé em Cristo e conseqüentemente para a salvação eterna²⁸. No capítulo 10, Paulo argumenta que a maioria dos judeus se perderam por sua própria responsabilidade, uma vez que eles estabeleceram sua própria justiça baseada na obediência a lei, rejeitando Jesus²⁹. Eles não aceitaram que o fim da lei é Cristo e que a salvação é recebida de graça por meio da fé e confissão de Jesus Cristo como Senhor.

Na continuação do texto, nos versos 10 a 13 a grande ênfase de Paulo é que a salvação em Cristo se manifestou não só aos judeus, mas a todos aqueles que invocarem o nome do Senhor. Como Paulo diz: *Todo aquele que nele crê não será envergonhado.* “Porque não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: “*Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.*” (Rm 10.11-13).

Paulo então faz uma digressão nos versos 14 e 15, para “demonstrar a indispensável necessidade do evangelismo”³⁰. Afinal, “se todos os que invocam o Senhor serão salvos, é importante que todos tenham a oportunidade de ouvir”³¹. Para trabalhar esse tema, Paulo faz quatro perguntas retóricas:

(a) *Como, porém, invocarão aquele em quem não creram?* (Rm 10.14). “Invocar o nome do Senhor” é uma expressão tipicamente veterotestamentária³², que aponta para pessoas que conhecendo a Deus, sua misericórdia e graça, apelam a Ele em tempos de angústia. E as pessoas só irão invocar o nome de Jesus se elas crerem verdadeiramente em Cristo, sua encarnação, vida, morte e ressurreição. Antes de invocar o nome do Senhor, elas precisam crer!

(b) *E como crerão naquele de quem nada ouviram?* (Rm 10.14). “Assim como crer, pela lógica, vem antes de invocar, então ouvir, pela lógica, vem antes de crer”³³. Paulo está afirmando

²⁷ Cf. LONGENECKER, Richard N. *The Epistle to the Romans: A Commentary on the Greek Text* (NIGTC). Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2016, p. 765–778.

²⁸ Cf. MORRIS, Leon. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids, MI; Leicester, England: W.B. Eerdmans; InterVarsity Press, 1988, p. 351–357.

²⁹ MOUNCE, Robert H., *Romans, vol. 27, The New American Commentary*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1995, p. 205, tradução nossa.

³⁰ STOTT, John. *Lendo Romanos com John Stott: Volume 2*. Trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa, MG: Ultimato, 2018, p. 32.

³¹ MOUNCE, Robert H., *Romans, vol. 27, The New American Commentary*, p. 211, tradução nossa.

³² Cf. MURRAY, J. *Romanos: Comentário Bíblico*. 2ª Edição. Organizado por T.J. Santos Filho. Traduzido por J. Bentes. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2016, p. 469.

³³ STOTT, John. *Lendo Romanos com John Stott: Volume 2*, p. 32.

que ninguém irá crer no nome do Senhor Jesus a menos que essas pessoas tenham ouvido sobre Cristo, sua vida e sua obra. O conhecimento do evangelho é um pré-requisito para a pessoa crer.

(c) *E como ouvirão, se não há quem pregue? (Rm 10.15).* “Não poderia haver ouvintes sem arautos”³⁴. Quando observamos os escritos de Paulo, perceberemos que existe uma ênfase profunda pregação da Palavra. Desde o início ele viu a pregação das boas novas do evangelho de Cristo como o cerne do seu chamado³⁵. E isso porque Paulo tinha consciência de que ninguém criaria e invocaria o nome do Senhor, a menos que ouvisse a pregação de Cristo. Paulo apresenta a pregação como um pré-requisito para a pessoa crer. Como disse Leon Morris “É importante ver a impossibilidade de ouvir sem que alguém pregue”³⁶.

(d) *E como pregarão, se não forem enviados? (Rm 10.15).* “Sem o chamado e o comissionamento de Deus não há poder ou validade em qualquer ministério.”³⁷ A ênfase de Paulo nessa quarta pergunta é que a missão de pregar o evangelho é recebida do próprio Deus, que ordena e capacita seus arautos para isso. Sem esse chamado e essa capacitação divina, não há pregação eficaz.

Paulo fecha essa argumentação citando Isaías 52.7: *Como está escrito: “Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rm 10.15)*, destacando assim quão honroso e sublime é o chamado de anunciar as boas novas da salvação.

Nesses dois versículos, Paulo está dizendo que existe uma cadeia de pelo menos 4 eventos que precisam acontecer para que uma pessoa creia no evangelho de Cristo e seja salva. Esses eventos são os seguintes: (1) Um convertido é capacitado pelo Senhor e enviado ao mundo para pregar, (2) esse convertido vai até incrédulos e prega o evangelho, expondo claramente sobre Jesus sua vida, sua obra e seu chamado a pecadores; (3) O incrédulo crê nas palavras do pregador; (4) O incrédulo invoca o nome de Jesus para a salvação e assim recebe vida eterna.

Há duas citações sobre esse texto que esclarecem como Paulo considera a pregação do evangelho condição *sine qua non* para a conversão de pessoas (e conseqüentemente o crescimento da igreja):

O ponto central é que a relação salvífica com Cristo não é algo que pode acontecer sem qualquer circunstância; porquanto ocorre somente em um contexto criado pela

³⁴ STOTT, John. *Lendo Romanos com John Stott: Volume 2*, p. 32.

³⁵ Cf. OSBORNE, Grant R., *Romans - The IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004, p. 275.

³⁶ MORRIS, Leon. *The Epistle to the Romans*, p. 390, tradução nossa.

³⁷ OSBORNE, Grant R., *Romans - The IVP New Testament Commentary Series*, p. 275, tradução nossa.

proclamação do evangelho, por parte daqueles que são comissionados a proclamá-lo. Por conseguinte, a sequência é: mensageiros autorizados, proclamação, ouvir, fé, invocar o nome do Senhor. Isto é sumariado no versículo 17: “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo.”³⁸

A menos que algumas pessoas sejam comissionadas para a tarefa, não haverá pregadores do evangelho; a menos que o evangelho seja pregado, os pecadores não ouvirão a mensagem e a voz de Cristo; a menos que o ouçam, eles não crerão nessas verdades da morte e ressurreição de Cristo; a menos que creiam nessas verdades, não o invocarão; e, a menos que invoquem seu nome, não serão salvos.³⁹

Diante dessa breve exposição, podemos afirmar que o crescimento numérico da igreja depende da ação humana de pregar o evangelho. Uma vez que ninguém invocará o nome do Senhor sem que alguém comissionado pregue o evangelho para ele, podemos afirmar que a igreja não irá crescer e a obra evangélica não irá adiante, a menos que os crentes cumpram sua responsabilidade de proclamação do evangelho. Não estamos afirmando que Deus não poderia salvar pessoas sem a instrumentalidade humana, mas podemos afirmar a partir desse texto que Deus resolver não fazê-lo, sem nenhuma exceção.

(3) Atos 18.9-11

De Atos 15.36 a Atos 18.23, Lucas narra a segunda viagem missionária de Paulo. Em Atos 18, Lucas narra a plantação da Igreja na cidade de Corinto. Ao chegar nessa cidade, Paulo se junta a Priscila e Áquila, que vieram de Roma, e começa a pregar o evangelho nas sinagogas. Posteriormente Silas e Timóteo chegaram, e Paulo passou a dedicar-se a pregação integralmente. Diante da pregação de Paulo nas sinagogas, os judeus se opuseram e blasfemaram contra ele. Diante dessa rejeição, Paulo resolve ir dedicar-se a pregação aos gentios, e estabelece a casa de Tício Justo, que ficava ao lado da sinagoga, como um ponto de pregação. E embora a maior parte dos judeus rejeitaram a pregação de Paulo, Crispo, o chefe da sinagoga, creu no Senhor com sua casa, e eles foram batizados.

Nesse cenário, Paulo parece ficar temeroso. Embora não seja expresso o motivo disso, o leitor, baseado nos relatos prévios de Atos, “pode facilmente tirar a conclusão de que Paulo aguardaria algumas represálias dos judeus, tendo em vista o seu sucesso em atrair para si o líder deles bem como muitos dos seus aderentes”⁴⁰. Possivelmente Paulo “voltou a ser ameaçada pelos judeus os quais, como em Filipos e Tessalônica, buscaram o apoio das autoridades para impedir a

³⁸ MURRAY, J. *Romanos: Comentário Bíblico*, p. 470.

³⁹ STOTT, John. *Lendo Romanos com John Stott: Volume 2*, p. 33

⁴⁰ MARSHALL, I. Howard. *Atos dos apóstolos – introdução e comentário*. Trad. Julio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo, SP: Vida Nova, 1982, p. 278.

obra missionária”⁴¹. Nas viagens missionárias de Paulo, o que normalmente acontecia “era o surgimento de uma oposição tão forte contra Paulo e seus companheiros nas cidades onde eles testemunhavam, que eles eram forçados a partir”⁴². Diante do receio de Paulo, o Senhor apareceu para Paulo dando duas ordens e dois motivos.

A primeira ordem dada por Deus é: *Não tenha medo!* (At 10.9a). Deus havia estabelecido plantar e dar crescimento à igreja de Corinto, e o Senhor sabia que “...o medo intenso no coração do homem com frequência o debilita”⁴³. Por isso, a ordem a Paulo é que ele não se intimidasse diante da oposição. Vale lembrar que “a proibição ‘não temas’ e a promessa ‘eu estou contigo’ eram regularmente repetidas por Javé ao seu povo. Agora Jesus dizia as mesmas palavras a Paulo.”⁴⁴

A segunda ordem é: *Fale e não se cale* (At 10.9b). Ele ordena que Paulo continue a pregar ousadamente o evangelho de Cristo. Isso porque, uma vez que Deus estabeleceu plantar e dar crescimento à igreja por meio da pregação, e uma vez que Deus havia decretado a plantação e o crescimento da igreja de Corinto, Paulo não poderia se calar. “Por meio da voz de Paulo, Cristo faz com que seu evangelho seja conhecido pelas pessoas, portanto ele proíbe Paulo de se tornar reticente”.⁴⁵ O imperativo “fale” no texto original está no tempo presente, o que sugere que Paulo deveria continuar pregando, como estava fazendo até o momento, sem se acanhar⁴⁶.

O primeiro motivo dado pelo Senhor a Paulo é: *porque eu estou com você, e ninguém ousará lhe fazer mal* (At 10.10a). Deus promete estar pessoalmente com Paulo. “Ele assegura a Paulo que ninguém vai colocar as mãos nele ou causar-lhe qualquer dano. Paulo não irá experimentar as agruras físicas que caracterizaram sua estada em Filipos, Tessalônica e Bereia”⁴⁷. Quando lemos esse texto, nos lembramos da grande comissão, em que o Senhor envia seus discípulos a todas as nações, mas promete que estará com eles todos os dias até a consumação dos séculos (Mt 28.18-20).

⁴¹ MARSHALL, I. Howard. *Atos dos apóstolos – introdução e comentário*, p. 275.

⁴² POLHILL, John B.. *Acts, vol. 26, The New American Commentary*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992, p. 386.

⁴³ KISTEMAKER, Simon. *Atos – Volume 2*. Trad. Ézia Mullis e Neuza Batista da Silva. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2016, p. 209.

⁴⁴ STOTT, John. *A mensagem de Atos: Até os confins da terra*. Trad. Markus André Hediger e Lucy Yamakami. 2ª Ed. São Paulo, SP: ABU Editora, 2008, p. 336.

⁴⁵ KISTEMAKER, Simon. *Atos – Volume 2*, p. 209.

⁴⁶ Cf. MARSHALL, I. Howard. *Atos dos apóstolos – introdução e comentário*, p. 279.

⁴⁷ KISTEMAKER, Simon. *Atos – Volume 2*, p. 210.

O segundo motivo é: *pois tenho muito povo nesta cidade (At 10.10b)*. Paulo “deveria continuar testemunhando, porque Deus ainda tinha “muito povo”⁴⁸ em Corinto. Cristo possuía ovelhas no “aprisco de Corinto” (Jo 10.16) e havia determinada usar Paulo para resgatá-las. “As pessoas ainda não acreditavam nele [em Cristo], mas acreditariam, pois de acordo com seu propósito, elas já lhe pertenciam”⁴⁹. Aqui nos lembramos de Atos 13.48, onde é afirmado a nós que em Antioquia, todos os que haviam sido destinados para a vida eterna creram. Deus está afirmando para Paulo que nem todos os que haviam sido destinados para a vida eterna em Corinto haviam crido, por isso ele deveria sem medo e ousadamente continuar a pregação. Deus ainda possuía eleitos para alcançar em Corinto por meio de Paulo.

Kistemaker comentando esse texto, nos traz uma bela explicação:

O próprio Jesus garante que o trabalho de Paulo em Corinto dará frutos. O próprio Deus destina seu povo para a vida eterna (13.48), abre o coração das pessoas para a mensagem do evangelho (16.14) e as conduz à salvação. Leon Morris observa: “Elas ainda não tinham feito nada para serem salvas; muitas delas sequer haviam escutado o evangelho. Mas elas pertenciam a Deus. Claramente é ele quem as traria para a salvação na hora certa”⁵⁰.

Essa visão do Senhor fortaleceu Paulo e assim, em obediência a visão do Senhor, ele permaneceu em Corinto por 18 meses, ensinando constantemente a Palavra de Deus.

Nesse texto de Atos 18.9-10 vemos como a soberania de Deus e a responsabilidade humana trabalham juntas no estabelecimento e crescimento numérico da igreja local. Por um lado, Deus em seus desígnios eternos havia planejado salvar pessoas naquela cidade, estabelecer uma igreja e dar crescimento. Todos os que se converteram, só se converteram porque previamente foram escolhidas e pertenciam ao Senhor (At 18.10b). Foi o Senhor quem lhes abriu o entendimento e os chamou a fé (como aconteceu no caso de Lídia narrado em Atos 16.14). Tanto que, quando Paulo descreve esses acontecimentos em sua 1ª carta aos coríntios, ele claramente atribui a conversão dos coríntios à ação direta e poderosa de Deus: “*A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a fé que vocês têm não se apoiasse em sabedoria humana, mas no poder de Deus*” (1Co 2.4-5).

⁴⁸ A palavra grega para “muito povo” é “λαός”. Essa palavra era usada para se referir ao povo de Israel, e agora estava sendo ampliada para incluir os gentios. Cf. STOTT, John. *A mensagem de Atos: Até os confins da terra*, p. 336.

⁴⁹ STOTT, John. *A mensagem de Atos: Até os confins da terra*, p. 336.

⁵⁰ KISTEMAKER, Simon, *Atos – Volume 2*, p. 210.

Por outro lado, a igreja de Corinto só foi plantada, estabelecida e cresceu por causa do ministério de Paulo. Ele foi o instrumento escolhido por Deus para fazer a sua obra. Tanto que, quando Paulo começa a ficar temeroso e querer ir para a próxima cidade, Deus lhe dá essa visão e ordena que Paulo fique ali pregando. Obviamente Deus poderia estabelecer e dar crescimento para a igreja de Corinto sem utilizar-se de instrumentos humanos, mas Deus escolheu atrelar o crescimento da igreja à pregação ousado dos seus servos comissionados, e isso sem nenhuma exceção. Por isso, Paulo ao escrever aos coríntios, enfatiza que “*Deus achou por bem salvar os que creem por meio da loucura da pregação*” (1Co 1.21b).

(4) Conclusão dos textos supracitados

A partir da exposição dos textos supracitados, podemos afirmar que a plantação e o crescimento numérico da igreja, depende primeiramente da ação de Deus. É Deus quem dá o crescimento a igreja, é Deus quem escolhe aqueles que farão parte do seu povo, é Deus quem abre o entendimento e chega aos corações das pessoas com o evangelho e com poder. Há outros textos bíblicos que poderíamos explorar afirmam essa verdade⁵¹, mas acreditamos que os textos acima sejam suficientes.

No entanto, a plantação e o crescimento numérico da igreja também dependem da ação humana, porque Deus assim determinou. Se Deus quisesse, ele poderia fazer isso sem instrumentos humanos, mas Deus escolheu sempre promover o estabelecimento e crescimento das igrejas por meio de seus servos. Isso é tão verdade que não existe nem na Bíblia, nem em toda a história da igreja, nenhum caso em que uma pessoa chegou ao evangelho e rendeu-se a Cristo em fé sem a instrumentalidade de um outro homem. Os ministros são cooperadores na lavoura de Deus (1Co 2.9). Se eles não forem enviados e pregarem, ninguém ouvirá, ninguém crerá e ninguém invocará o nome do Senhor (Rm 10.14-15). Uma vez que Deus tem “muito

⁵¹ Alguns outros textos que enfatizam a ação de Deus no crescimento da igreja:

- *Mateus 16.18: Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.*
- *João 6.44: Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.*
- *João 10.16: Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.*
- *Atos 2.47: Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.*
- *Atos 13.48: Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna.*
- *Atos 16.14: Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.*
- *Romanos 9.16: Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia..*

povo” espalhados pelo mundo, os crentes em Cristo devem pregar sem medo (At 18.9-10). Poderíamos explorar outros textos bíblicos que enfatizam e atrelam o crescimento da igreja ao trabalho de pregação de ministros⁵², mas os textos acima são suficientes.

Em seu livro “A Evangelização e a Soberania de Deus” J. I. Packer faz uma afirmação importante sobre esse assunto, que nos auxiliará no entendimento da questão: Estamos diante de um antinomismo⁵³. Nas Palavras de Packer, um antinomismo é

...uma contradição entre conclusões que parecem igualmente lógicas, razoáveis e necessárias... não se trata de uma contradição real, embora assim pareça. Trata-se, antes, de uma aparente incompatibilidade entre duas verdades evidentes. Um antinômio existe quando dois princípios, postos lado a lado, aparentemente são irreconciliáveis, ainda que ambos sejam inegáveis⁵⁴.

Quando pensamos no estabelecimento e crescimento numérico da igreja, nos vemos nesse dilema: Por um lado tudo depende de Deus, por outro nada acontecerá se os crentes não cumprirem com sua responsabilidade. Tanto a responsabilidade humana, quanto a soberania de Deus no crescimento da igreja são verdades bíblicas, que devem ser igualmente defendidas, enfatizadas e cridas. Essas duas realidades são como as duas asas de um avião, e sem uma delas,

⁵² Alguns outros textos que enfatizam a ação humana no crescimento da igreja:

- *Atos 6.7: “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé”* - A palavra de Deus crescia por meio da pregação dos discípulos.
- *Atos 16.5: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número”* - Paulo passava de cidade em cidade, fortalecendo a fé dos irmãos pela pregação, e isso fazia as igrejas crescerem em números.
- *Atos 19.20: “Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente.”* – Paulo prega o evangelho poderosamente em Éfeso, e a Palavra do Senhor crescia e prevalecia.
- *Efésios 2.11-16: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo... crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.”* – Deus deu e capacitou líderes para a Igreja, para a edificação e crescimento dela.
- *Atos 10* – Deus planejou salvar Cornélio e lhe manda um anjo em visão. Mas ao invés do anjo pregar o evangelho a ele, Deus o orienta a chamar Pedro e ouvir o que ele tem a dizer. Deus também aparece para Pedro e o manda até Cornélio. No fim, Pedro vai até Cornélio, prego o evangelho a ele, e ele se converte.
- *1Coríntios 1.21: Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação.*
- *Tito 1.1-3: Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade, na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos e, em tempos devidos, manifestou a sua palavra mediante a pregação que me foi confiada por mandato de Deus, nosso Salvador.*
- *1Coríntios 15.10: Mas, pela graça de Deus, sou o que sou. E a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã. Pelo contrário, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.*

⁵³ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*. Trad. Gabriele Greggersen. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2002, p. 15.

⁵⁴ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 15.

o avião não irá voar. Como disse Carson, “A tensão soberania-responsabilidade não é um problema a ser resolvido; em vez disso, é uma estrutura a ser explorada”⁵⁵.

⁵⁵ Cf. CARSON, D. A. *Soberania divina e responsabilidade humana: Perspectivas bíblicas em tensão*, p. 17.

CAPÍTULO 2 - O PERIGO DE NÃO EQUILIBRAR ESSAS DUAS VERDADES NO CONTEXTO DA IGREJA LOCAL

Embora essa discussão seja complexa, ela é extremamente prática. A verdade é que todo pastor e líder de igreja local desenvolve o seu ministério de acordo com o que ele pensa sobre essas questões. E se não houver um equilíbrio bíblico, corremos o risco de desenvolver um ministério disfuncional.

Falar dessas verdades na teoria já é complexo, mas colocar em prática é mais ainda. “Encontramo-nos constantemente tentados a nos livrar dos antinômios em nossas mentes por meios ilegítimos, suprimindo ou rejeitando uma verdade, supostamente em favor da outra, e por causa de uma teologia mais organizada”⁵⁶. E isso tem acontecido constantemente quando o assunto é o crescimento numérico da igreja. Constantemente nos vemos tentados a enfatizar a soberania de Deus em detrimento da responsabilidade humana e vice-versa. Reflitamos mais sobre esse assunto.

(1) O Perigo de enfatizar a responsabilidade humana em detrimento da soberania divina

Existe o perigo de enfatizarmos a responsabilidade humana em detrimento da soberania de Deus. Essa é a tendência de visões teológicas que (a) por um lado enfatizam que todo homem tem a capacidade de crer em Cristo e por outro (b) não professam a soberania absoluta de Deus sobre cada detalhe da história humana. Esse é o caso do pelagianismo, do semi-pelagianismo e do arminianismo clássico. Uma vez que apenas o arminianismo clássico se encontra dentro do círculo protestante, iremos lidar apenas com ele neste artigo.

Embora o arminianismo clássico professe a depravação total de todos os homens, eles creem na doutrina da graça preveniente também sobre todos os homens. A graça preveniente, na visão arminiana, é uma graça derramada sobre todos os homens pelos méritos da obra de Cristo na cruz, que liberta sua vontade da incapacidade espiritual imposta pelo pecado, e o capacita a responder com arrependimento e fé à oferta do evangelho.

Roger E. Olson, um acadêmico defensor do arminianismo clássico, nos ajuda a compreender melhor a graça preveniente:

A depravação herdada [pelo pecado original] inclui a escravidão da vontade ao pecado, que só é superada pela graça preveniente sobrenatural. Esta graça começa a atuar em

⁵⁶ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 21-22.

todos por intermédio do sacrifício de Cristo (e o Espírito Santo enviado ao mundo por Cristo), mas que ganha poder especial através da pregação do evangelho⁵⁷.

A graça preveniente é simplesmente a graça de Deus convincente, convidativa, iluminadora e capacitadora, que antecede a conversão e torna o arrependimento e a fé possíveis⁵⁸.

Dentro dessa visão, crê-se que Deus derramou uma graça (chamada de preveniente) sobre todos os homens, de modo que eles não estão mais em um estado de morte e total incapacidade espiritual⁵⁹. No entanto, eles também não são regenerados e salvos, mas estão em um “estado intermediário”⁶⁰, no qual são capazes de responder ou não ao chamado do evangelho, de acordo com sua livre escolha. Olson nos auxilia no entendimento desse ponto também:

O estágio intermediário é quando o ser humano não está tão livre para responder ao evangelho (como os semipelagianos alegaram), mas está *liberto* para responder às boas novas da redenção em Cristo. Armínio, deste modo, não acredita tanto no livre-arbítrio, mas em um arbítrio libertado, que, embora inicialmente escravizado pelo pecado, foi compelido pela Graça preveniente do Espírito de Cristo de forma a alcançar um patamar tal que possa responder livremente ao chamado divino.

Este estágio intermediário não é nem "não-regenerado" nem "regenerado", mas talvez "pós-não-regenerado" e "pré-regenerado". A alma do pecador está sendo regenerada, mas o pecador é capaz de resistir e recusar a graça preveniente de Deus ao negar o evangelho. Tudo o que é necessário para a salvação completa é o afrouxamento da vontade resistente sob a influência da graça de Deus, de modo que a pessoa abra mão do pecado e da autorretidão, permitindo que a morte de Cristo se torne o único alicerce da vida espiritual.⁶¹

A partir das citações acima, podemos afirmar que dentro da visão arminiana, a salvação é uma escolha exclusiva do homem⁶². Para sustentar esse ponto, os arminianos clássicos renunciam à soberania absoluta de Deus, defendendo que Deus limitou sua soberania para assim ter um relacionamento não manipulatório com os seres humanos⁶³. E essa “limitação autoimposta” por Deus, inclui renunciar à soberania sobre a salvação dos seres humanos. Na visão arminiana, a predestinação para a salvação individual é com base na “presciência de Deus dos que se arrependerão e crerão”⁶⁴.

⁵⁷ OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: Mitos e realidades*. Trad. Wellington Mariano. São Paulo, SP: Editora Reflexão, 2013, p. 44

⁵⁸ *Ibid.*, p. 45.

⁵⁹ Cf. CAMPOS, Heber Carlos. *A graça preveniente na tradição arminiana/wesleyana (parte 1)*. Fides Reformata XVII, 2012, Nº 1, 25-43, p. 27.

⁶⁰ Cf. OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: Mitos e realidades*, p. 213.

⁶¹ *Ibid.*, p. 213.

⁶² Cf. CAMPTON, W. Gary; TALBOT, Kenneth. *Calvinismo, hiper-calvinismo & arminianismo: Um guia teológico*. Editora Monergismo. Edição do Kindle, p. 81-82.

⁶³ Cf. OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: Mitos e realidades*, p. 49-50

⁶⁴ *Ibid.*, p. 47.

Quando juntamos todas essas ideias, percebemos que a teologia arminiana clássica enfatiza a responsabilidade humana em detrimento da soberania de Deus. Eles creem que Deus já fez tudo que era necessário para tornar possível o perdão dos pecados de todos os homens (o sacrifício de Jesus), e também tudo que era preciso para que cada pessoa tivesse sua vontade escrava do pecado liberta e assim pudesse receber e aceitar esse perdão (graça preveniente). Agora a decisão está inteiramente nas mãos de cada homem e Deus não irá interferir, porque, uma vez que ele é “amoroso e não manipulador”, ele quer deixar cada um livre para tomar essa decisão de aceitar ou não a graça salvífica.

Quando aplicamos essa visão em nossa discussão sobre o crescimento numérico da igreja local, a implicação é óbvia: O crescimento da igreja não depende de Deus (pois ele já fez tudo que tinha para fazer), depende exclusivamente do homem. E quando abraçamos essa visão desequilibrada, caímos em muitos erros. Queremos destacar alguns erros comuns:

(a) *Os métodos e modelos são considerados fatores decisivos para o crescimento da igreja.* Se Deus já fez tudo que ele tinha para fazer ao enviar Jesus e derramar a graça preveniente, e tudo depende dos homens aceitarem a oferta do evangelho, então todo o crescimento da igreja local depende de como iremos nos organizar para trabalhar e apresentar esse evangelho as pessoas. Tudo depende do modelo e métodos que adotaremos. Se adotarmos um método certo e um estilo persuasivo o suficiente, iremos crescer numericamente. Se nos organizarmos e adotarmos o modelo errado, a igreja não irá crescer. Podemos ver essa visão de modo muito claro em Charles Finney⁶⁵. Sobre avivamento, que desemboca no crescimento da igreja e conversão das almas, Finney disse:

Avivamento não é milagre, nem depende de milagre, em nenhum sentido. É resultado puramente filosófico do emprego acertado dos meios comuns, tal como qualquer resultado que se obtenha empregando métodos apropriados... Afirmo que o avivamento é o resultado do emprego acertado dos meios adequados⁶⁶.

(b) *A evangelização tende a torna-se profundamente manipuladora.* Se tudo depende da resposta que a pessoa dará ao evangelho, logo a maneira como nós evangelizamos é crucial. J. I.

⁶⁵ Charles Finney não era simplesmente um arminiano, mas sim um pelagiano (Cf. HORTON, Michael. *O legado de Charles Finney*. Disponível em <<https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-legado-de-charles-finney/>>. Acesso em 11 de Outubro de 2023). No entanto, uma vez que ambas as visões, embora usando caminhos diferentes, colocam a decisão da salvação nas mãos do ouvinte, podemos dizer que quando o assunto é crescimento da igreja, a ênfase é a mesma.

⁶⁶ FINNEY, Charles. Citado por SANTOS, Gilson. *Avivamento – As perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney*. Disponível em <<https://ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/>>. Acesso em 11 de Outubro de 2023.

Packer, falando sobre esse perigo, disse: “Se esquecermos que somente Deus pode dar fé, acabaremos pensando que, em última instância, a conversão das pessoas não depende de Deus, mas de nós mesmo, e que o fato decisivo para tanto é a forma como evangelizamos”⁶⁷. Assim, nossa função deixa de ser apresentar Cristo, e passa a ser produzir convertidos em série⁶⁸, e não basta apenas propagar o evangelho e suas implicações de maneira clara, mas precisamos desenvolver uma “técnica irresistível para induzir à resposta”⁶⁹. Quando desprezamos a soberania de Deus, nossa evangelização tende a ser algo muito parecido com uma filosofia de lavagem cerebral⁷⁰, em que falamos aquilo que pessoa deseja ouvir (mesmo que para isso tenhamos que ocultar determinados pontos do evangelho), e usamos técnicas emocionais e manipuladoras⁷¹ para induzi-la a tomar a decisão que queremos que ela tome.

(c) A falta de crescimento numérico é atribuída ao fracasso da liderança. Se Deus já fez tudo que tinha para fazer e tudo depende de nós, logo a falta de crescimento da igreja é culpa da liderança que não está empregando os melhores métodos e modelos para sua realidade. Infelizmente podemos dizer que essa é a visão majoritária do meio evangélico brasileiro. A falta de crescimento numérico da igreja é atribuída exclusivamente, grande parte das vezes, à falta de sabedoria da liderança.

(d) O mérito do crescimento da igreja é dado à liderança. Quando a igreja cresce, o líder é exaltado e ganha notoriedade, afinal todo sucesso da igreja é fruto do ministério sábio e eficaz que ele tem desenvolvido. Infelizmente, temos visto esse erro sendo cometido constantemente no meio evangélico. Normalmente os líderes são respeitados e “ouvidos” de acordo com o tamanho numérico da igreja que eles pastoreiam. Quando desprezamos a soberania divina, quem é exaltado diante do crescimento numérico de uma igreja não é Cristo, mas o líder da igreja.

(2) O Perigo de enfatizar a soberania divina em detrimento da responsabilidade humana

Ao enfatizarmos a soberania divina, precisamos ter cuidado para não cair no outro extremo: enfatizar a soberania divina em detrimento da responsabilidade humana. Esse é o caso daquilo que ficou conhecido na história como hipercalvinismo.

⁶⁷ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 24.

⁶⁸ Cf. *Ibid.*, p. 24.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 24.

⁷⁰ Cf. *Ibid.*, p. 25.

⁷¹ Alguns exemplos de técnicas emocionais e manipuladoras: Música de fundo, tom de voz, frases de efeito, tocar em assuntos que fragilizam ou assustam, etc.

O hipercalvinismo surgiu na Inglaterra no século XVII no meio batista e congregacional⁷². Ele é um sistema teológico que enfatiza somente os atos imanentes de Deus e despreza a responsabilidade humana⁷³. Há duas questões centrais no sistema teológico do hipercalvinismo. Ao analisarmos essas duas questões, fica evidente o desprezo para com a responsabilidade humana.

A primeira questão é a crença na doutrina da dupla predestinação. Sproul explica essa doutrina da seguinte forma:

A dupla predestinação significa que Deus decreta positivamente e determina antecipadamente aqueles a quem ele salvará (ou seja, ele elege) e com o mesmo método, ele decreta a condenação do pecador. Assim como por um lado, ele cria positivamente a fé salvadora nos corações dos eleitos, ele, de maneira igualmente determinante, cria o mal nos corações dos réprobos, para garantir que eles não acreditem⁷⁴.

Dentro dessa visão, o homem não possui responsabilidade nenhuma nem em sua salvação, nem em sua condenação. Tanto a conversão, quanto a rejeição do evangelho é fruto da ação direta de Deus, e o homem não possui nenhuma gerência sobre isso. A crença na dupla predestinação cria um deus que não é bíblico: Um deus que não ama e nem se interessa por suas criaturas, que é o autor do mal moral dos pecadores e que não é justo.

A segunda crença central do hipercalvinismo é que a oferta do evangelho não é universal⁷⁵. Para os defensores dessa posição, uma vez que Deus tem seus eleitos para salvação e para a reprovação, nós não podemos pregar o evangelho, chamando todos para o arrependimento e fé. Só podemos pregar para os eleitos. Posso até declarar os fatos do evangelho a todos, mas somente aqueles que demonstram evidências de que é um eleito, é que posso chamar ao arrependimento e à fé⁷⁶. A justificativa usada pelos hipercalvinistas para defender tal posição é que “Deus deseja sinceramente a salvação somente dos eleitos, não de todos os homens”⁷⁷.

Ian Murray, descrevendo o hipercalvinismo, aborda essa questão:

⁷² Para mais informações sobre o assunto, Cf. TOON, Peter. *The Emergence of Hyper-Calvinism in English Nonconformity 1689-1765*. London: The Olive Tree, 1967.

⁷³ Cf. DEYOUNG, Kevin. *The what and why of hyper-calvinism*. Disponível em < <https://www.thegospelcoalition.org/blogs/kevin-deyoung/the-what-and-why-of-hyper-calvinism/>>. Acesso em 11 de Outubro de 2023.

⁷⁴ SPROUL, R. C. *Reformed view on “Double Predestination”*. Youtube, 2021. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=9_N8zpk5ojU>. Acesso em 12 de Outubro de 2023, tradução nossa.

⁷⁵ Cf. DAVIE, Martin et al., *New Dictionary of Theology: Historical and Systematic*. London; Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2016, p. 432.

⁷⁶ Cf. PIPER, John. *What is Hypercalvinis?* Disponível em < https://www.desiringgod.org/interviews/what-is-hyper-calvinism?utm_source=facebook&utm_medium=paidsocial&utm_content=apj&utm_campaign=2020/02/09%20-%20DG%20-%20New%20Teaching>. Acesso em 11 de Outubro de 2023.

⁷⁷ Cf. DAVIE, Martin et al., *New Dictionary of Theology: Historical and Systematic*, p. 432.

... na opinião dos hipercalvinistas, transmitir aos seus ouvintes a impressão de que eles são chamados a receber a Cristo, e a crer nele para a salvação, é negar a soberania da graça divina. É representar a salvação como disponível para aqueles a quem Deus excluiu pelo decreto da eleição. A pregação do evangelho para os hipercalvinistas significa uma declaração dos fatos do evangelho, mas nada deve ser dito como forma de encorajar os indivíduos a acreditar que as promessas de Cristo são feitas a eles particularmente, até que haja evidência de que o Espírito de Deus iniciou uma obra salvadora em seus corações, convencendo-os e tornando-os "sensíveis" de suas necessidades⁷⁸.

A partir das citações acima, podemos afirmar que dentro da visão hipercalvinista, a salvação (e conseqüentemente o crescimento da igreja) é uma obra quase que exclusiva de Deus. Nós não devemos sair pelo mundo propagando o evangelho e chamando pessoas ao arrependimento. Deus só ama os eleitos e só deseja salvar a esses. Os réprobos foram rejeitados por Deus, e não devem ser alvos da nossa preocupação. Nós devemos esperar que Deus aja no coração das pessoas, e somente quando ficar evidente que determinada pessoa é eleita, é que devemos pregar para ela. Dentro dessa visão, a igreja cumpre sua missão de maneira passiva, esperando Deus fazer a obra em seus eleitos, e agindo apenas no final desse processo, quando fica evidente o trabalhar de Deus.

Obviamente essa é uma distorção da doutrina bíblica em muitos aspectos, uma vez que como temos reiterado, a soberania de Deus não anula a responsabilidade humana. Quando abraçamos essa visão teológica desequilibrada, caímos em muitos erros. Alguns deles são:

(a) *Indiferença com relação ao mundo perdido e desobediência a grande comissão.* Na visão hipercalvinista, Deus não tem interesse nenhum nos réprobos e nem deseja que o evangelho seja anunciado para eles. O Rev. Augustus Nicodemus, comentando sobre o hipercalvinismo, diz: “Hipercalvinistas... não sentem tristeza por eles [pelos perdidos]. Não vêm necessidade de pregar para eles e não enviam missionário”⁷⁹. Há um exemplo histórico clássico que evidencia essa realidade. William Carrey, conhecido como o pai das missões modernas, quando estava ainda na Inglaterra, antes de ir para Índia como missionário, estava em uma reunião com um grupo de ministros e compartilhou sua convicção de que era seu dever empregar meios para a conversão dos pagãos. Nesse contexto, um dos ministros se levantou e disse: “Jovem, sente-se. Quando Deus quiser converter os pagãos, ele o fará sem a sua ajuda ou a minha”⁸⁰

⁷⁸ MURRAY, Ian. Citado por SWANSON, Dennis M. Source: The Master's Seminary Journal, 7 n°2, 1996, p. 284.

⁷⁹ NICODEMUS, Augustus. *Hipercalvinismo*. Youtube, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=f8l0Am2cGZM>>. Acesso em 11/10/23, tradução nossa.

⁸⁰ GRANCONATO, Marcos. *William Carey: A vida e a obra do Pai das missões modernas*. Biblioteca Charles Spurgeon, 2023. Disponível em < <https://spurgeononline.com.br/artigos/william-carey-a-vida-e-a-obra-do-pai-das-missoes-modernas/> >. Acesso em 13 de outubro de 2023.

Líderes e igrejas que enfatizam a soberania de Deus em detrimento da reponsabilidade humana, não tem amor pelas pessoas perdidas. São completamente indiferentes aos amigos, colegas de trabalho, familiares, vizinhos e etc. incrédulos, que estão caminhando para a condenação eterna. Eles não se envolvem com incrédulos, eles não são intencionais no criar oportunidades para compartilhar de Jesus, eles não evangelizam, eles são frios e egocêntricos. Eles não cumprem a grande comissão de ir por todo mundo e pregar o evangelho a toda criatura (Mc 16.15)⁸¹.

Infelizmente não é raro nos depararmos com igrejas assim, e é comum, em especial nos círculos reformados, essa indiferença e falta de amor ser justificada com a soberania de Deus.

(b) *Falta de oração, em especial pela conversão de incrédulos e pelo crescimento da igreja.* Uma vez que se enfatiza a soberania divina em detrimento da responsabilidade humana, cai-se, ainda que de modo inconsciente, em um determinismo fatalista. Sproul diz que nessa perspectiva, as pessoas são reduzidas ao papel de robôs desumanos ou marionetes, que não possuem qualquer responsabilidade ou gerência sobre suas decisões. Deus é como um grande operador de marionetes, que está causando de modo direto cada atitude de cada ser humano de acordo com seus decretos eternos imutáveis⁸². Essa perspectiva despreza o fato bíblico de que “Na sua providência ordinária Deus emprega meios”⁸³, ordenando que todas as coisas “sucedam conforme a natureza das causas secundárias, necessárias, livres ou contingentemente”⁸⁴.

Uma consequência direta de uma visão determinista fatalista é a falta de oração. Não se crê que a oração faça alguma diferença. Orar, suplicando a intervenção divina nas diversas situações da vida não mudará em nada o agir de Deus. Orar pela conversão de um amigo ou familiar é desnecessário e inútil. Orar pelo crescimento e desenvolvimento da igreja também não mudará em nada o agir e os planos de Deus.

(c) *Sermões se tornam reflexões teológicas impessoais e sem aplicações*⁸⁵. Uma outra implicação de se enfatizar a soberania de Deus em detrimento da responsabilidade humana, é que

⁸¹ Cf. NICHOLS, Stephen. *What is Hyper-Calvinis, and how does it relate to Reformed theology?* Youtube, 2023. < <https://www.youtube.com/watch?v=veUDhQPk3hU> >. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

⁸² Cf. SPROUL, R. C. *Why the sovereign act of election is no fatalistic determinism?*. Youtube, 2017. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=uPMkfywb8GE> >. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

⁸³ Confissão de Fé de Westminster, V, III.

⁸⁴ Confissão de Fé de Westminster, V, II.

⁸⁵ “A aplicação, no sentido estrito, é essa parte, ou partes, do discurso em que mostramos como o assunto se aplica às pessoas a quem nos dirigimos, quais as instruções práticas que o assunto lhes oferece, e o que ele exige que cada ovinho faça.” (BROADUS, John A. *O preparo e a entrega de sermões*. Trad. Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 208).

os sermões deixam de ter aplicações. Michael Lawrence, escreveu um artigo sobre a importância da aplicação no sermão, e diz que por vezes encontrou pregadores que entendem que seu papel é apenas expor o sentido do texto bíblico, mas a aplicação é papel do Espírito Santo, que usa nossa “explicação fiel”, e aplica o texto ao coração dos ouvintes, mudando o que Ele assim intentar⁸⁶. De fato, quando se despreza a responsabilidade humana, qual o sentido de fazer aplicações? Qual o sentido de apelar para os ouvintes? Qual o sentido de chamar as pessoas a abandonar determinadas crenças e práticas e adotar outras? O desprezo para com a responsabilidade humana, torna nossos sermões frios, impessoais e sem implicações práticas para nosso dia a dia.

O problema dessa perspectiva é que quando voltamos para as Escrituras, vemos que a aplicação era uma questão central nos sermões dos homens de Deus. Jesus, no sermão do monte, focou em aplicações práticas para seus ouvintes⁸⁷. As cartas de Paulo eram documentos com diversas aplicações práticas⁸⁸. Os sermões registrados no livro de Atos eram também recheados de aplicações práticas⁸⁹. Como disse Packer, comentando sobre pregadores: “se eles [os pregadores] as expõem [as escrituras] sem aplicá-las, eles não são nada mais que palestrantes procurando informar a mente”⁹⁰. Spurgeon dizia que “onde começa a aplicação, começa o sermão”⁹¹. Joel Beeke, defende que nossos sermões sejam experienciais:

A pregação experiencial ou experimental aborda a vital questão de como um cristão experimenta em sua vida a verdade bíblica, a doutrina cristã. Uma definição funcional de pregação experimental pode ser: a pregação experimental busca explicar, em termos de verdade bíblica, como as questões devem prosseguir, como prosseguem e qual é a meta da vida cristã. Seu alvo é aplicar a verdade divina a todo o âmbito da experiência pessoal do crente, inclusive suas relações com a família, a igreja e o mundo que o cerca.⁹²

(d) *Comodismo em relação ao desenvolvimento da igreja*. Uma última implicação que podemos pontuar ao desprezar a responsabilidade humana é o comodismo em relação ao

⁸⁶ Cf. LAWRENCE, Michael. *Sem aplicação? Então você não pregou!* Editora Fiel, 2015. Disponível em <<https://ministeriofiel.com.br/artigos/sem-aplicacao-entao-voce-nao-pregou>>. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

⁸⁷ Mateus 5-7.

⁸⁸ Quando pensamos em Efésios, vemos que nos capítulos 1 a 3 temos uma exposição teológica, e nos capítulos 4 a 6 temos aplicações práticas. Quando pensamos em 1Coríntios, vemos Paulo, em todos os capítulos, trazendo explicações teológicas para fundamentar orientações práticas que estavam relacionadas com o contexto dos coríntios. Quando pensamos em Romanos, temos de 1 a 11 uma profunda exposição teológica, mas a partir do capítulo 12, aplicações práticas, etc.

⁸⁹ Atos 2.14-36; Atos 3.11-26; Atos 7; Atos 10.34-43; Atos 13.16-51; Atos 14.14-17; Atos 17.16-31; Atos 22.1-21; Atos 23.1-10; Atos 24.10-27; Atos 26.1-23; Atos 28.23-29.

⁹⁰ J. I. Packer citado por SANTOS, Valdeci. *Pregação expositiva (Material utilizados no MDiv do CPAJ)*. Material não publicado.

⁹¹ SPURGEON, Charles citado por BROADUS, John A. *O preparo e a entrega de sermões*. Trad. Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 207.

⁹² BEEKE, Joel. *Espiritualidade Reformada*. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos campos, SP: Fiel, 2014, p. 552.

desenvolvimento da igreja. Uma vez que se crê que todo desenvolvimento da igreja depende exclusivamente de Deus, os pastores e líderes se acomodam, não buscando e nem trabalhando pelo crescimento e desenvolvimento de suas igrejas locais. Eles não são proativos em desenvolver planos e metas. Eles não procuram novas formas de alcançar novas pessoas. Eles não se autoavaliam constantemente, para procurar corrigir falhas. Eles não têm iniciativas ousadas. Eles não buscam se reinventar naquilo que está ficando obsoleto. Eles se comportam como meros expectadores passivos, “esperando para ver o que Deus fará”.

Além de não buscar e não trabalhar pelo desenvolvimento da igreja, líderes que desprezam a responsabilidade humana, não se incomodam e nem se preocupam com o declínio de suas igrejas locais. Eles não choram ao ver suas igrejas minguando e morrendo. Eles não buscam ao Senhor em oração e meditam em como poderiam desenvolver um ministério mais eficaz. Eles não buscam rever e repensar as estruturas. Isso porque, até mesmo o declínio das igrejas, eles atribuem como sendo fruto exclusivo da soberania de Deus, e nada podem fazer em relação a isso.

Todos os erros elencados acima são fruto desse desequilíbrio entre a responsabilidade humana e a soberania de Deus no crescimento da igreja local.

(3) O desequilíbrio entre a responsabilidade humana e a soberania de Deus tem gerado igrejas disfuncionais

Embora não tenhamos dados objetivos para fazer essa análise, quando avaliamos o cenário evangélico atual no Brasil, percebemos, de modo geral, um grande desequilíbrio entre a responsabilidade humana e a soberania divina.

De um lado, temos as igrejas com tendências arminianas, que costumam ser profundamente pragmáticas em seus métodos (de que forma irei atrair o maior número possível de pessoas? Como criar um ambiente propício para atrair?), seletivos no conteúdo de sua pregação (o que da Bíblia devo falar e o que não devo falar para atrair mais pessoas) e manipuladores na forma de sua pregação (como falar de modo que persuade a pessoa a tomar a decisão que quero?). Além disso, essas igrejas costumam exaltar líderes de igrejas grandes, dando-lhes a glória pelos frutos de seus ministérios.

Do outro lado, temos as igrejas com tendências hipercalvinistas. É importante destacar que dificilmente encontraremos pastores que se professem hipercalvinistas, no entanto, não é incomum encontrarmos líderes que na prática são hipercalvinistas: Não oram pelo crescimento da

igreja, não se importam com os incrédulos, não evangelizam, pregam sermões que são meras reflexões teológicas impessoais e sem aplicações, são acomodados em sua liderança na igreja local, não planejam coisas novas, não se preocupam com o declínio de suas igrejas, não se incomodam com o fato de que boa parte das novas gerações criadas na igreja estão apostatando da fé, etc.

CAPÍTULO 3 - EQUILIBRANDO A RESPONSABILIDADE HUMANA E A SOBERANIA DE DEUS: A PRÁTICA MINISTERIAL DO APÓSTOLO PAULO

Diante de toda essa realidade posta diante de nós, a pergunta é: O que fazer? Como lidar com esse aparente paradoxo? J. I. Packer nos ajuda nessa questão, dizendo que devemos:

...tomar ambas as doutrinas absolutamente a sério, da forma como a Bíblia o faz, e enxergá-las em sua relação bíblica positiva. Não devemos contrapor-las uma à outra, já que a Bíblia não as dispõe uma contra a outra. Nem devemos qualificar ou modificar ou diluir qualquer uma delas em detrimento da outra, uma vez que a Bíblia também não o faz. O que a Bíblia faz é afirmar ambas as verdades, lado a lado, nos termos mais vigorosos e claros, como dois fatos finais; eis aí, portanto o posicionamento que devemos assumir em nosso pensamento. Quando perguntaram a C. H. Spurgeon certo dia, se ele seria capaz de reconciliar estas duas verdades uma com a outra, ele respondeu: "Eu nem ousaria tentá-lo", "Eu nunca reconcilio amigos." Amigos? - isso mesmo, *amigos*. Este é o ponto que precisamos entender. Na Bíblia, não há nenhuma inimizade entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Elas não são vizinhas briguentas; elas não estão em um estado de guerra fria interminável uma com a outra. Na verdade elas são *amigas* e trabalham juntas.⁹³

Uma vez que é nosso dever manter essas duas verdades em tensão na prática eclesial, como podemos equilibrar isso de modo bíblico? Para responder essa pergunta, iremos explorar um pouco da prática ministerial do apóstolo Paulo, elencando algumas características de seu ministério que demonstram como ele mantinha essas duas verdades em tensão e equilíbrio. Nosso objetivo não é fazer uma análise exaustiva, mas trazer alguns pontos práticos, para nos ajudar a equilibrar essas duas verdades em nossa prática ministerial. Começaremos destacando os pontos que evidenciam a crença de Paulo na soberania de Deus e em seguida os pontos que evidenciam sua crença na responsabilidade humana no crescimento da igreja.

(1) Oração

Uma característica do ministério de Paulo, que é fruto da consciência da soberania divina, é uma vida de constante e profunda oração. Isso porque, a oração “é uma confissão de impotência e necessidade, um reconhecimento de falta de recursos próprios e dependência, e uma invocação do poder soberano de Deus para que ele faça por nós o que nós mesmos não temos capacidade de fazer”⁹⁴. Como disse Calvino: “quão carente e vazio de todas *as coisas* boas é o homem e como lhe faltam todos os recursos da salvação. Portanto, se *ele* busca meios pelos quais socorra a sua carência, lhe é necessário que saia fora de si *mesmo* e os obtenha em outra parte para si”⁹⁵.

⁹³ Cf. PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 31.

⁹⁴ Cf. PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 109.

⁹⁵ CALVINO, João. *As institutas* – Volume III. 2ª ed. Trad. Waldir Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 317.

Quando lemos o livro de Atos, veremos a oração como um elemento fundamental do ministério de Paulo. Alguns exemplos: O envio de Paulo e Barnabé ao campo missionário foi fruto de oração (At 13.3); Paulo, quando foi promover eleição de presbíteros, o fez em oração (At 14.23); Paulo e Silas ao serem presos, oraram (At 16.25); ao se despedir dos presbíteros de Éfeso, Paulo orou com eles (At 20.36).

Quando lemos as cartas de Paulo, também veremos a oração como um elemento fundamental. Das treze cartas de Paulo, em dez ele inicia a carta registrando suas orações⁹⁶. Em Romanos 10.1 Paulo diz que orava constantemente para que os judeus fossem salvos. E Paulo não só orava pelo avanço do evangelho, mas ele pedia que a igreja estivesse orando também. Em 2 Tessalonicenses 3.1 Paulo pede à igreja: *“orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada...”*. Em Efésios 6.18-19 Paulo conclama a igreja a viver: *“com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho”*.

O que levava Paulo a orar tanto? Pelo menos dois motivos: Primeiro, Paulo sabia de sua missão era humanamente impossível. Ele sabia que seu chamado era para pregar para pessoas “que estão sem vontade de ser salvas e persuadir os corações pecadores, orgulhosos e rebeldes de homens a render-se à santidade e à graça”⁹⁷. Que chance possuía o testemunho de Paulo de triunfar? Nenhuma. Além disso, Paulo sabia que no ministério de pregação, sua luta não era *“contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal”* (Ef 6.12). Essas convicções colocavam Paulo constantemente de joelhos diante do Senhor!

O equilíbrio saudável entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana, fará com que líderes tenham uma vida profunda e perseverante de oração. Eles estarão constantemente orando por si mesmos, por suas igrejas, por seus planejamentos, por suas pregações, por suas estratégias, por seus vizinhos, por seus familiares, e etc. Como disse Packer:

Todos aqueles que creem fortemente hoje, junto com Paulo, que é a agência soberana de Deus, e exclusivamente ela, que leva os pecadores até a Cristo, deveriam dar testemunho da sua fé, por se mostrarem mais constantes, fiéis, honestos e persistentes na oração, para

⁹⁶ Cf. Rm 1.8-10; 1Co 1.4-9; 2Co 1.3-11; Ef 1.15-23; Fp 1.3-10; Cl 1.9-12; 1Ts 1.2-10; 2Ts 1.3-12; 2Tm 1.3-5; Fm 4-7

⁹⁷ JAMES, John Angell, citado por EBY, David. *Pregação poderosa para o crescimento da Igreja*. Trad. Else Lemmos. São Paulo: Editora Candeia, 2001, p. 57.

que a bênção de Deus possa repousar sobre a pregação da sua palavra, e que sob ela os pecadores possam ser regenerados.⁹⁸

(2) Pregação ousada e integral do evangelho

Como já afirmamos nesse trabalho, Paulo tinha convicção de que o ser humano, em seu estado natural, está morto em seus pecados e é espiritualmente incapaz. Ele mesmo afirmou que o homem caído “tem a mente obscurecida, sendo assim incapaz de entender a verdade espiritual (1Co 2.14)”⁹⁹. Ao mesmo tempo, Paulo sabia que Deus resolveu soberanamente alcançar seus perdidos, concedendo-lhes vida espiritual, por meio da loucura da pregação (1Co 1.21). A fé nessas duas verdades moldava a pregação de Paulo em pelo menos dois aspectos:

(a) *Paulo sempre pregava o evangelho de modo integral, sem adulterar ou suprimir a mensagem.* Uma vez que o evangelho é o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16-17), Paulo mantinha-se fiel a mensagem. Ele tinha certeza de que, se pervertesse essa mensagem, não haveria mais o poder divino se manifestando e nem pessoas se convertendo. Por isso, advertiu solenemente às igrejas sobre falsos mestres que pervertiam o evangelho¹⁰⁰ e ao mesmo tempo, permaneceu fiel a pregação da mensagem integral, mesmo que por causa disso tenha sofrido muitas perseguições¹⁰¹. Como ele mesmo testemunhou: *Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus. Pelo contrário, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus.* (2Co 2.17).

(b) *Paulo pregava de modo ousado e confiante.* Paulo sabia que todos aqueles que o Pai deu a Cristo, iriam até Cristo (Jo 6.44-45). Ele mesmo disse que os que Deus escolheu de antemão e predestinou para serem conformes a imagem do filho, iriam ser chamados por Ele para a fé (Rm 8.28-30). Ele sabia que todos aqueles que se convertiam através de sua pregação, só se convertiam porque Deus os chamava irresistivelmente para a fé por meio da pregação (2Ts 2.13-14). Toda essa convicção fazia com que Paulo fosse profundamente ousado, confiante e otimista na evangelização¹⁰².

Quando equilibramos bem a soberania de Deus com a responsabilidade humana, seremos perseverantes em anunciar Cristo a pessoas não convertidas, sempre que tivermos chance. Teremos convicção de que não estamos fazendo um esforço inútil, nem desperdiçando nosso

⁹⁸ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 111.

⁹⁹ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 95

¹⁰⁰ Cf. Gl 1.6-9; 2Co 11.13-15; Fp 3.2; 1Tm 13-4; 1Tm 4.1-2; 2Tm 4.3-4.

¹⁰¹ Cf. 2Co 11.24-27

¹⁰² Cf. At 9.27-28; 13.46; 14.3; 19.8; 26.26; 1Ts 2.2

tempo ou de nosso ouvinte. Não ficaremos envergonhados, hesitantes ou defensivos ao falar de Cristo. Quando cremos na soberania divina, temos todas as razões para sermos ousados, livres, naturais e esperançosos de sucesso na evangelização¹⁰³.

(3) Profundo amor por incrédulos e desejo intenso de que eles se convertam

Uma característica marcante do ministério de Paulo, que tem a ver com a responsabilidade humana no crescimento da igreja, era, não só seu desejo intenso de proclamar a Cristo, mas também um desejo intenso de ver pessoas se convertendo a Cristo. Podemos afirmar que Paulo desejava ardentemente testemunhar o crescimento numérico da igreja através da conversão de incrédulos. Vale destacar que desejar proclamar a Cristo, não é o mesmo que desejar ver pessoas se convertendo a Cristo. Podemos proclamar a Cristo, simplesmente pensando em obedecer a uma ordem dada por Deus, sem nos importar com os resultados que isso gerará na vida de nossos ouvintes. Paulo não era assim. Ele não só pregava e proclamava a Cristo porque Deus o comissionou a isso, mas porque amava profundamente os incrédulos e desejava vê-los convertendo-se a Cristo. Poderíamos citar muitos textos bíblicos que deixam essa verdade evidente, mas nos conteremos em destacar apenas Romanos 9.1-3.

Como já citado anteriormente, nos capítulos 9 a 11 Paulo faz uma exposição sobre o evangelho de Cristo diante das promessas feitas à nação de Israel¹⁰⁴. Ele começa essa exposição fazendo uma declaração profunda e solene. Ele introduz essa declaração solene dizendo: *Digo a verdade em Cristo, não minto, e a minha consciência confirma isso por meio do Espírito Santo (Rm 9.1)*. Perceba que nessa introdução “Paulo faz uma afirmação tripla com a intenção de colocar sua sinceridade acima de qualquer dúvida e persuadir seus leitores a acreditarem nele”¹⁰⁵.

Após essa introdução solene, Paulo faz a seguinte confissão: *sinto grande tristeza e tenho incessante dor no coração. Porque eu mesmo desejaria ser amaldiçoado, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas segundo a carne. (Romanos 9.2-3)*. Percebemos nessa confissão de Paulo o profundo amor pelos judeus e sua indescritível tristeza pelo fato de a maioria dos judeus terem rejeitado a Jesus. Pela maneira como Paulo escreve, percebemos que “a tristeza de seu coração é *grande* em sua intensidade, *profunda* em sua natureza, equivalente a

¹⁰³ Cf. PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 106.

¹⁰⁴ Cf. LONGENECKER, Richard N. *The Epistle to the Romans: A Commentary on the Greek Text* (NIGTC), p. 765–778.

¹⁰⁵ STOTT, John. *Lendo Romanos com John Stott: Volume 2*, p. 15.

nada menos que angústia, e *incessante* em sua duração”¹⁰⁶. E esse seu amor pelos judeus e tristeza por sua incredulidade são tão profundos e intensos, que ele declara desejar ser “amaldiçoado por Deus e afastado de Cristo se isso de alguma forma beneficiasse seus parentes de raça”¹⁰⁷. Quando meditamos na profundidade do que Paulo está dizendo, ficamos alarmados. O amor de Paulo pelos judeus incrédulos era tão intenso, que, se fosse possível, ele estaria disposto a sofrer eternamente no inferno, em troca da salvação de seus compatriotas. Murray, comentando esse texto, afirma que “A intensidade do amor do apóstolo pelo seu próprio povo fica assim desvendada. Era um amor que seguia o exemplo de nosso Salvador, o qual se tornou maldição e pecado para a redenção dos homens”¹⁰⁸. As palavras de Paulo nesse texto nos lembram as palavras de Moisés: “*Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, peço-te que me risques do livro que escreveste*” (Êx 32.32). “Nessa passagem, Paulo, sem dúvida, prova quão maravilhoso missionário era, quão ardentemente anelava salvar os perdidos”¹⁰⁹.

Há muitas outras passagens que Paulo deixa evidente que esse amor não era só pelos incrédulos judeus, mas também por todos os gentios incrédulos¹¹⁰. Paulo havia compreendido que devemos amar não somente a Deus sobre todas as coisas, mas também nosso próximo (Mt 22.37-40) e uma das principais consequência disso, é o desejo intenso de que meu próximo se converta a Cristo. J. I. Packer, comentando sobre a relação entre amor ao próximo e evangelização diz:

Que maior necessidade pode ter o ser humano do que a necessidade de conhecer a Cristo?
Que bem maior podemos fazer a qualquer ser humano do que de lhe expor o conhecimento de Cristo? A medida em que realmente amamos ao nosso próximo como a

¹⁰⁶ HENDRIKSEN, W. *Romanos*. 2ª edição. Trad. V. G. Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, p. 389.

¹⁰⁷ MOUNCE, Robert H., *Romans*, vol. 27, *The New American Commentary*, p. 211, p. 195, tradução nossa.

¹⁰⁸ MURRAY, J. *Romanos: Comentário Bíblico*, p. 410.

¹⁰⁹ HENDRIKSEN, W. *Romanos*, p. 391.

¹¹⁰ Alguns textos que poderíamos citar são:

- *1Coríntios 9.19-22: Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para com os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da Lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da Lei, embora eu não esteja debaixo da Lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, a fim de, por todos os modos, salvar alguns.*
- *1 Tessalonicenses 2.8: Assim, com muito afeto, estávamos prontos a lhes oferecer não somente o evangelho de Deus, mas até mesmo a própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós.*
- *Gálatas 4.19: meus filhos, por quem, de novo, estou sofrendo as dores de parto, até que Cristo seja formado em vocês.*
- *2Coríntios 2.4: Porque lhes escrevi no meio de muitos sofrimentos e angústia de coração, com muitas lágrimas, não para que vocês ficassem tristes, mas para que soubessem do amor que tenho por vocês.*
- *Romanos 10.1: Irmãos, o desejo do meu coração e a minha súplica a Deus em favor deles é para que sejam salvos.*

nós mesmos, necessariamente desejaremos que ele desfrute da salvação que é tão preciosa para nós. Na verdade, isso não deveria ser algo em que deveríamos pensar, quanto mais discutir. O impulso para evangelizar deveria brotar espontaneamente em nós na medida em que reconhecemos a necessidade que o nosso próximo tem de Cristo...

Devo enfatizar mais uma vez: se nós mesmos conhecemos algo do amor de Cristo por nós, e se sentimos um pouquinho de gratidão nos nossos corações pela graça que nos salvou da morte e do inferno, então esta atitude de compaixão e cuidado por nossos semelhantes espiritualmente necessitado deveria fluir de modo natural e espontâneo de dentro de nós. Foi em relação a uma evangelização agressiva que Paulo declarou que "o amor de Cristo nos constrange". É uma coisa trágica e repulsiva quando os cristãos perdem o desejo, e tornam-se verdadeiramente relutantes de compartilhar o conhecimento precioso que têm com os outros cuja necessidade é tão grande quanto a sua própria¹¹¹.

Embora amar profundamente os incrédulos e desejar ardentemente que eles se convertam pareça algo óbvio e esperado em toda liderança eclesiástica, nem sempre é isso que vemos. Infelizmente é comum encontrarmos igrejas estáveis, mas com um baixo ou inexistente número de novos convertidos, em que a liderança não se incomoda ou pensa nisso. Também é comum encontrarmos igrejas que estão em crescimento numérico, mas esse crescimento não é através da conversão de incrédulos, mas por outros motivos, e a liderança se vê completamente satisfeita. É comum encontrarmos pastores e líderes que praticamente não se importam ou se relacionam com incrédulos.

(4) Iniciativas múltiplas e intencionais para evangelizar os perdidos

Paulo não só desejava ver incrédulos se convertendo, mas ele dedicou sua vida, indo e relacionando-se com os incrédulos com o objetivo de convertê-los a Cristo. Ele claramente via isso como sua responsabilidade. Seu amor pelos incrédulos não só envolvia seus sentimentos, mas gerava ações concretas. Há muitos versículos que evidenciam o empenho de Paulo em alcançar perdidos. Destaquemos Atos 20.20-24. Em Atos 20.17-38, Paulo, depois de um ministério frutífero na cidade de Éfeso, está se despedindo dos presbíteros daquela nova igreja para seguir viagem para Jerusalém. Paulo nessa despedida relembra seu ministério em Éfeso (20.17-21), descreve os sofrimentos que o aguardavam (20.22-27) e faz várias exortações àqueles presbíteros (20.28-35). Um destaque interessante é que de todos os discursos registrados em Atos, esse é um único discurso dirigido a um público cristão. Todos os outros são sermões para incrédulos¹¹². Isso é significativo, porque podemos concluir que ele serve de paradigma para todos os pastores e presbíteros.

¹¹¹ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 69-70.

¹¹² STOTT, John. *A mensagem de Atos: Até os confins da terra*, p. 365.

Há dois destaques a serem feitos no trecho de Atos 20.20-24. O primeiro destaque é como Paulo descreve o seu ministério, do qual os presbíteros de Éfeso eram testemunhas:

Vocês sabem como me conduzi entre vocês em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na província da Ásia, servindo o Senhor com toda a humildade, com lágrimas e com as provações que me sobrevieram pelas ciladas dos judeus. Vocês sabem que jamais deixei de anunciar o que fosse proveitoso e de ensinar isso a vocês publicamente e também de casa em casa, testemunhando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. (Atos 20.18-21)

Perceba o *empenho intenso de Paulo de ir até incrédulos, onde quer que eles estivessem, independente das circunstâncias desfavoráveis, e independente de que tipo de incrédulo que era, para anunciar o evangelho*. Paulo destaca desde o primeiro dia ele esteve intensamente empenhado em anunciar o evangelho. Ele fez isso em locais públicos (grandes reuniões como das sinagogas e aquelas que se realizava na escola de Tirano¹¹³) e fez isso também de casa em casa. Essa descrição nos comunica a ideia de que Paulo estava constantemente criando e aproveitando oportunidades de testemunhar, fazendo contatos e desenvolvendo relacionamentos com o objetivo de fielmente anunciar a Cristo. Ele anunciava publicamente, e à medida que as pessoas iam se interessando, ele ia criando grupos nos lares para continuar anunciando o evangelho e chamar as pessoas ao arrependimento. “Em seu trabalho, Paulo demonstrou que ele era sempre e em todo lugar um ministro dessa Palavra”¹¹⁴. E perceba que esse empenho de Paulo não era refreado diante de dificuldades. Como ele mesmo coloca, ele perseverou nessa tarefa, mesmo que com lágrimas e debaixo de muitas provações advindas da perseguição dos judeus.

O segundo destaque a ser feito *é a disposição de Paulo de sofrer qualquer coisa para continuar anunciando a Cristo aos incrédulos*. Ele continua dizendo:

E, agora, impelido pelo Espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali vai me acontecer, exceto que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que prisões e sofrimentos estão à minha espera. Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, desde que eu complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus (Atos 20.22-24)

Paulo não se preocupa com seus sonhos, seus projetos, sua segurança, sua imagem ou mesmo com a sua própria vida. Ele só tinha um foco, para o qual dedicava todos os seus esforços: Completar o ministério de testemunhar de Jesus e sua graça para o máximo de incrédulos possível.

¹¹³ Cf. MARSHALL, I. Howard. *Atos dos apóstolos – introdução e comentário*, p. 308.

¹¹⁴ KISTEMAKER, Simon, *Atos – Volume 2*, p. 298.

Essa iniciativa múltipla e intencional de Paulo para alcançar os perdidos também fica evidente quando meditamos em suas viagens. Calcula-se que Paulo, durante suas viagens missionárias, tenha percorrido mais de 16 mil quilômetros¹¹⁵. Paulo ia até as pessoas, seja lá onde elas estivessem. Ele não media esforços.

J. I. Packer, comentando sobre a responsabilidade que temos de anunciar a Cristo, comenta o seguinte:

Todos nós estamos sob a obrigação de nos dedicarmos à divulgação das boas novas, e de usarmos toda a nossa criatividade e espírito empreendedor para divulgar esta nova por todo o mundo. Todo cristão deve, portanto, estar constantemente sondando a sua consciência, perguntando a si mesmo se está fazendo tudo o que poderia ser feito neste campo. Pois esta também é uma responsabilidade que não pode ser desprezada¹¹⁶.

Ter iniciativas múltiplas e intencionais em direção aos perdidos seria natural em todas as lideranças eclesiais que entendem sua responsabilidade, mas infelizmente não é isso que vemos. A nível pessoal, é comum vermos pastores, presbíteros e líderes que praticamente não se relacionam com pessoas descrentes. É comum encontrarmos líderes que não buscam relacionamento com seus vizinhos e parentes descrentes, pelo contrário, evitam de qualquer tipo de vínculo. São líderes que apesar do discurso, não possuem iniciativa ou intencionalidade em direção a incrédulos. E essa realidade é vista não só a nível pessoal, mas também a nível ministerial. É comum lideranças que planejam, organizam e conduzem os trabalhos em suas igrejas sem nenhum tipo de iniciativa ou preocupação com os incrédulos.

(5) Pregação contextualizada aos ouvintes

Um aspecto do ministério de Paulo que também tem a ver com a responsabilidade humana é uma pregação contextualizada. Para elucidar esse ponto, segue uma citação de Tim Keller, explicando o que é uma pregação contextualizada:

Contextualizar não é – como normalmente se afirma – “falar o que as pessoas querem ouvir”. Significa, antes, oferecer às pessoas *respostas bíblicas* que elas talvez não queiram ouvir de forma nenhuma *às perguntas sobre a vida* que estão fazendo, na época e no lugar em que se encontram, *numa linguagem e em formas* que compreendam e *por meio de apelos e argumentos* com uma força que elas sejam capazes de sentir, ainda que, no fim de tudo, os rejeitem.

Contextualização saudável significa traduzir e adaptar a comunicação e o ministério do evangelho sem comprometer a essência e as particularidades do próprio evangelho.¹¹⁷

¹¹⁵ Cf. FIGUEIREDO, Pe. Pedro Paulo. *São Paulo percorreu mais de 16 mil Km em suas viagens?* Revista arautos do Evangelho, São Paulo, N. 147, Março 2014, p. 40.

¹¹⁶ PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*, p. 23.

¹¹⁷ KELLER, Tim. *Igreja Centrada*, p. 107.

Quando lemos os sermões de Paulo registrados em Atos, percebemos que Paulo praticava essa contextualização. Dependendo de quem eram seus ouvintes, ele usava linguagens, formas, argumentos, apelos e caminhos diferentes, mas sempre com o objetivo de anunciar o evangelho da maneira mais efetiva e convincente possível. Abaixo, uma tabela que elenca os cinco sermões de Paulo registrados em atos com as suas respectivas diferenças conforme o público¹¹⁸:

Texto	Lugar	Ouvintes	Abordagem
Atos 13.15-41	Sinagoga de Antioquia da Pisídia	Judeus	Cita diversos personagens bíblicos e profecias do Antigo Testamento apresentando Jesus e sua obra como o cumprimento da Escritura.
Atos 14.14-17	Listra	Idólatras	Cita manifestações da graça comum com o objetivo de chamá-los ao arrependimento.
Atos 17.22-31	Atenas	Filósofos pagãos	Elogia a preocupação religiosa deles, cita poeta estoico, apresenta Deus como criador, mantenedor e juiz do mundo e Jesus como o homem escolhido por Deus para julgar o mundo. Após toda essa apresentação, Paulo chama todos ao arrependimento.
Atos 22.1-21	Jerusalém	Turba de judeus	Paulo fala em hebraico e dá seu testemunho pessoal, destacando o seu zelo para com a lei.
Atos 26.1-29	Cesareia	Rei Agripa	Uma vez que Agripa era um homem piedoso, Paulo enfatiza que ele estava obedecendo a uma ordem do Senhor de anunciar que Cristo é o cumprimento das profecias do AT.

O que podemos observar é que Paulo estava profundamente preocupado em ser o mais claro, relevante e persuasivo possível em sua comunicação, por isso, embora nunca alterasse ou diluísse o conteúdo do evangelho, ele alterava constantemente sua forma de comunicação. Sua linguagem, suas ilustrações, sua abordagem, seus argumentos, suas aplicações variavam sempre de acordo com o contexto de seus ouvintes¹¹⁹. A prática de Paulo era muito parecida com o que tem sido praticado no decorrer dos séculos no contexto de missões transculturais. Ronaldo Lidório, comentando sobre a necessidade de contextualizar o evangelho aos nossos ouvintes, diz:

Contextualizar o evangelho é traduzi-lo de tal forma que o senhorio de Cristo não será apenas um princípio abstrato ou mera doutrina importada, mas fator determinante de vida em toda sua dimensão e critério básico em relação aos valores culturais que formam a substância com a qual avaliamos o existir humano.¹²⁰

[devemos] propor um evangelho que possa ser traduzido culturalmente e fazer sentido também para a rotina da vida daquele que o ouve. É necessário fazer o povo perceber que Deus fala a sua língua, em sua cultura, em sua casa, no dia a dia.¹²¹

¹¹⁸ Parte dessa tabela foi tirada de: STETZER, Ed. *Plantando igrejas missionais*, p. 344.

¹¹⁹ Cf. STETZER, Ed. *Plantando igrejas missionais*, p. 343.

¹²⁰ LIDÓRIO, Ronaldo. *Comunicação e cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 25.

¹²¹ LIDÓRIO, Ronaldo. *Comunicação e cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural*, p. 24

Líderes que equilibram bem a responsabilidade humana e a soberania de Deus em seus ministérios, pregarão fielmente, crendo que Deus é quem aplica a Palavra ao coração dos ouvintes. Ao mesmo tempo, buscarão conhecer o contexto, a linguagem, a cultura e os anseios de seus ouvintes, e prepararão sermões de acordo com todos esses aspectos, de modo a traduzir o evangelho para o contexto específico deles em uma linguagem simples e clara e com aplicações que dizem respeito a rotina diária deles.

(6) Flexibilidade cultural estratégica

Esse desejo intenso de Paulo de salvar pessoas, levava Paulo a ter uma flexibilidade cultural estratégica. Ele não só tinha uma pregação contextualizada, mas ele mudava seu próprio comportamento cultural pensando em seus alvos evangelísticos. Esse aspecto do ministério de Paulo fica evidente no texto de 1Coríntios 9.19-23. Em 1Coríntios 8 a 10 Paulo está tratando sobre comer ou não as carnes vendidas no mercado que possivelmente foram sacrificadas a ídolos. No capítulo 8 ele estabelece alguns princípios para tratar desse assunto, sendo o mais importante deles a necessidade de renunciar aos direitos que temos por amor a outras pessoas. Paulo estabelece que nossa liberdade deve ser controlada e limitada pelo amor ao próximo¹²². No capítulo 9 ele usa a si mesmo como exemplo, mostrando como ele mesmo renunciou direitos pela causa do evangelho. E a partir do verso 19 ele mostra como ele renunciou até mesmo suas preferências e cultura pessoal pela causa do evangelho.

Ele começa esse trecho declarando: *“Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1Co 9.19)*. Paulo tinha consciência da sua liberdade em Cristo. Ele sabia que em Cristo, ele estava livre de todo julgo, exigências, lei e controle humano. Ele era submisso somente ao Senhor, e, como disse Agostinho, não tem liberdade maior que essa¹²³. No entanto, o que guiava Paulo e seu ministério era o seu amor pelos perdidos e seu profundo desejo de salvar pessoas. Por isso, ele escolheu tornar-se escravo para com todos, com o objetivo de servir e salvar o maior número de pessoas. Paulo resolveu que culturalmente “se adaptaria ao seu ambiente tanto quanto sua fé permitisse, assim como se

¹²² Cf. NICODEMUS, Augustus. *Tudo para com todos (1Co 9.15-27)*. Youtube, 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z2X9y_VxtzY&list=PLQ_KBt7xtI95xrCEtK1k6uwdsWfupUTT&index=23>. Acesso em 18 de Outubro de 2023.

¹²³ Cf. AGOSTINHO, Aurélio apud KISTEMAKER, S. *1 Coríntios*. 2ª Edição. Traduzido por HHG Silva. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014, p. 376.

esperaria que um escravo se ajustasse à realidade cultural da família a quem servia”¹²⁴. Paulo adotou como método evangelístico uma flexibilidade cultural estratégica.

Paulo continua sua explicação, mostrando como essa flexibilidade cultural estratégica se manifestava na prática:

Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus... Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele (1Co 9.20-23)

Paulo claramente diz que adotava um comportamento cultural de acordo com o público que estava querendo alcançar. Quando ele estava entre os judeus, ele se adaptava aos costumes judaicos, com o objetivo de interagir e ter oportunidades de compartilhar o evangelho¹²⁵. Quando ele estava entre os gentios (sem lei), ele mudava seu comportamento cultural e sua linguagem, com o objetivo de conectar-se a eles e ganhá-los para Cristo. Quando ele estava entre os fracos¹²⁶, ele mais uma vez se adaptava culturalmente.

Mas há um destaque importante feito por Paulo no verso 21. Embora ele era culturalmente flexível, isso tinha limites: *não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo (1Co 9.21)*. Paulo fez muitas coisas para se identificar com os perdidos, e atrair pessoas, mas tudo era sempre regulado e limitado pela lei de Cristo. O limite sempre era o comprometimento da Palavra de Deus. Augustus Nicodemus comentando esse texto, resume a visão do apóstolo: “Paulo tentava o máximo possível se adaptar, interagir, contextualizar-se com as pessoas, naquilo que não era essencial e não comprometia o evangelho, com o fim de ganhar essas pessoas”¹²⁷.

¹²⁴ CIAMPA, Roy E.; ROSNER, Brian S., *The First Letter to the Corinthians, The Pillar New Testament Commentary*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010, p. 424, tradução nossa.

¹²⁵ “Durante seu ministério, Paulo se adaptou aos costumes judaicos quando procurou ganhar os judeus para Cristo. Aqui estão alguns exemplos notáveis: ele foi circuncidado Timóteo “por causa dos judeus” (At 16.3); ele próprio fez um voto nazireu para expressar gratidão a Deus por livramento (At 18.18); ele se uniu a quatro nazireus em seus ritos de purificação e pagou as despesas deles para a oferta sacrificial (At 21.23,24,26).” (KISTEMAKER, S. *1 Coríntios*, p. 376-377)

¹²⁶ Quais são os fracos aqui citados por Paulo? A partir dos comentaristas pesquisados, há duas interpretações possíveis: (a) Os fracos de consciência; (b) Pobres – Pessoas socialmente consideradas fracas. (Cf. TAYLOR, Mark, *1 Corinthians - The New American Commentary*, p. 220.; THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the Greek text, New International Greek Testament Commentary*, p. 705–706; SCHREINER, Thomas R. *1 Corinthians: An Introduction and Commentary*. London: Inter-Varsity Press, 2018. p. 193–194; CIAMPA, Roy E.; ROSNER, Brian S., *The First Letter to the Corinthians, The Pillar New Testament Commentary*, p. 428–429).

¹²⁷ Cf. NICODEMUS, Augustus. *Tudo para com todos (1Co 9.15-27)*. Youtube, 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z2X9y_VxtzY&list=PLQ_KBt7xtI95xrCEtK1k6uwwsWfupUTT&index=23>. Acesso em 18 de Outubro de 2023.

E é importante destacar que essa flexibilidade era estratégica, no sentido de que era sempre regulada pela cultura de quem ele desejava alcançar. Roy e Rosner faz uma interessante afirmação nesse ponto:

A determinação de Paulo em adaptar-se às diferentes culturas e contextos em que trabalharia estabeleceu uma estratégia missionária básica que refletia uma importante compreensão da relação entre o evangelho e a cultura, que tem sido essencial para um trabalho missionário eficaz ao longo da história. que o evangelho não pertence a nenhuma cultura específica. À medida que o evangelho se enraíza entre diferentes povos e culturas, a sua essência permanecerá a mesma, mas a sua “aparência” poderá ser um pouco diferente.¹²⁸

Líderes que equilibram a responsabilidade humana com a soberania de Deus, entenderão que, por amor aos perdidos, é responsabilidade deles renunciar a suas preferências culturais e se adaptar à cultura dos incrédulos que estão ao seu redor (claro que com os limites da Palavra). Isso deve acontecer no nível pessoal, de modo que todos os líderes adaptem seus comportamentos, linguagem, estilo, etc. E isso também deve acontecer no nível eclesiástico, de modo que devemos pensar no público que devemos alcançar ao planejarmos e estruturarmos a igreja local.

Colin Marshall e Tony Payne, em seu livro “A treliça e a videira”, nos ajudam a entender essa adaptação a nível eclesiástico. Eles comparam o crescimento da igreja com o crescimento de uma videira, dizendo que, assim como é necessária uma estrutura de apoio (chamada de treliça) para que uma videira cresça, é necessário, para que a obra do evangelho cresça, alguma estrutura de apoio¹²⁹. Essa estrutura envolve tudo que fazemos como igreja, desde nosso espaço físico, até nossas atividades, ministérios, finanças, etc. Aplicando o princípio apresentado por Paulo nesse texto, precisamos ser completamente flexíveis e adaptar todas nossas “treliças” pensando em como produzir o maior crescimento possível da videira.

(7) Formação de novos líderes

Um aspecto interessante do ministério de Paulo, que ele também via como parte de sua responsabilidade, era a preocupação com a formação de novos líderes. Ele sabia que um dia ele morreria, e a obra do evangelho teria de continuar, então ele estava constantemente formando novos obreiros formais e informais.

Quando lemos o relato de Atos, vemos que Paulo sempre estava acompanhado e discipulando alguém. Paulo não era um “lobo solitário” em seu ministério. Em sua primeira

¹²⁸ CIAMPA, Roy E.; ROSNER, Brian S., *The First Letter to the Corinthians, The Pillar New Testament Commentary*, p. 425–426.

¹²⁹ Cf. MARSHALL, Colin. *A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo. Trad. Francismo Wellington Ferreira*. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 14-15

viagem missionária, ele vai acompanhado de Barnabé (At 13.1-3) e Marcos até determinado ponto (At 13.13). Em sua segunda viagem missionária, Paulo vai acompanhado de Silas (At 15.40-41). Em Derbe e Listra, Paulo conheceu Timóteo, e o convidou para se juntar a eles (At 16.1-3). Em Corinto, juntou-se a Áquila e Priscila (At 18.1-2). Lucas também foi um dos companheiros de Paulo em suas viagens (At 20.7). Em Éfeso, Paulo se relacionou profundamente com os presbíteros, o que fica evidente em sua despedida (At 20.17-35). Ao ir para a prisão em Roma, Lucas acompanhou Paulo (At 27.1-2). Em prisão domiciliar em Roma, Paulo recebia pessoas constantemente (At 28.30).

Quando lemos as cartas de Paulo, somos surpreendidos com o elevado número de pessoas que ele cita como cooperadoras com ele na obra do evangelho. Em Romanos, ele cita cerca de 28 pessoas na conclusão de sua carta (Rm 16.3-16). Ele diz que escreveu 1Coríntios juntamente com Sóstenes (1Co 1.1). Na conclusão de 1Coríntios ele cita 5 pessoas (1Co 16.10-18). 2Coríntios Paulo escreveu tendo Timóteo como coautor (2Co 1.1). Na carta aos efésios ele fala de Tíquico (Ef 6.21). Timóteo também ajudou Paulo na escrita da carta aos colossenses (Cl 1.1). Na conclusão de Colossenses ele cita 6 pessoas (Cl 4.10-17). 1ª e 2ª Tessalonicenses foram escritas por Paulo, Silvano e Timóteo (1Ts 1.1; 2Ts 1.1). As pastorais são cartas escritas por Paulo para orientar líderes das igrejas.

Finalmente, ao escrever a Timóteo, filho na fé, o qual continuaria a obra do evangelho, uma vez que a morte de Paulo se aproximava, Paulo ordena: *E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros (2Tm 2.2)*. Paulo está ordenando que Timóteo

...produza mestres [...] Paulo está para partir desta vida. Por muito tempo ele carregou a tocha do evangelho. Daqui em diante ele a põe nas mãos de Timóteo, o qual, por sua vez, deve passá-la a outros. O *depósito* que foi confiado a Timóteo (1Tm 6.20; 2Tm 1.14) deve ser depositado em mãos de homens dignos de confiança. Além do mais, estes devem ser homens *aptos para ensinar* a outros (1Tm 3.2), de modo que esses outros *também, tanto quanto* seus mestres, sejam instruídos na verdade redentora de Deus.¹³⁰

Paulo não estava preocupado apenas em fazer discípulos, mas em fazer discípulos que fariam discípulos¹³¹. Seu amor pela obra do evangelho e pelos perdidos o fazia pensar em como

¹³⁰ HENDRIKSEN, W. *1 e 2 Timóteo e Tito*. 2ª edição. Trad. V. G. Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011, p. 302.

¹³¹ Cf. YARBROUGH, Robert W. *The Letters to Timothy and Titus*. Grand Rapids, MI; London: William B. Eerdmans Publishing Company; Apollos, 2018, p. 372.

poderia ter um alcance maior tanto geograficamente, quanto um alcance que continuasse após sua morte. Uma das maneiras encontradas por ele foi a formação de novos líderes.

Líderes que equilibram a responsabilidade humana com a soberania divina, entenderão que é responsabilidade deles desenvolver novos líderes formais e informais para a obra do Senhor. Isso os levará a não serem solitário, mas estarem constantemente se relacionando, discipulando e treinando novas pessoas, visando multiplicar o número de trabalhadores da seara do Senhor.

(8) Plantação de novas igrejas como principal estratégia de expansão

Um último aspecto presente no ministério do apóstolo Paulo, que tem a ver com a responsabilidade humana, é a plantação de novas igrejas como principal estratégia para o crescimento da Igreja de Cristo. Quando lemos o relato do ministério evangelístico de Paulo em Atos, vemos que seu alvo não era apenas testemunhar de Jesus, mas plantar novas igrejas. Tim Keller, comentando sobre isso, diz: “Em Atos, a plantação de igrejas não é um acontecimento traumático ou antinatural. É algo trançado na trama e no desenho do ministério e, portanto, acontece de forma normal e regular. Paulo nunca evangeliza e discipula sem também plantar uma igreja”¹³². A verdade é que a grande comissão é basicamente um chamado para plantarmos igrejas. Mateus 28.18-20 nos ordena a não só fazer discípulos, mas batizá-los, o que, a partir de Atos sabemos que significa incorporar os convertidos em igrejas locais¹³³. No fim, o objetivo de todo trabalho missionário desemboca em plantação de igrejas¹³⁴. Eckhard Schnabel, um dos principais especialistas do mundo em missões no Novo Testamento, fala o seguinte: “O trabalho missionário de Paulo não terminava com a comunicação oral das boas novas de Jesus Cristo e a conversão de indivíduos. Ele estabelecia igrejas, comunidades de homens e mulheres que tinham vindo à fé em Jesus”¹³⁵. Isso é tão verdade na vida de Paulo, que ele plantou cerca de 20 igrejas durante seu ministério¹³⁶.

¹³² KELLER, Tim. *Igreja Centrada*, p. 418.

¹³³ Cf. KELLER, Tim. *Why plant churches?* Redeemer city to city, 2002. Disponível em <<https://redeemercitycity.com/articles-stories/why-plant-churches>>. Acesso em 19 de Outubro de 2023.

¹³⁴ Cf. DEYOUNG, Kevin. *O objetivo de missões e o trabalho dos missionários*. Coalizão pelo Evangelho, 2016. Disponível em <<https://coalizaopeloevangelho.org/article/o-objetivo-de-missoes-e-o-trabalho-dos-missionarios/>>. Acesso em 19 de Outubro de 2023.

¹³⁵ SCHNABEL, Eckhard apud SILVA, Ricardo Agreste. *Bases teológicas e estratégicas na plantação de igrejas*. Material não publicado.

¹³⁶ Cf. COLE, Neil. *How many Churches did the apostle Paul start?* Church Planting, 2020. Disponível em <[46](https://churchplanting.com/how-many-churches-did-the-apostle-paul-start/#:~:text=He%20probably%20started%20close%20to,Laodicea%2C%20Colossae%2C%20and%20Hieropolis.>>. Acesso em 19 de Outubro de 2023.</p></div><div data-bbox=)

Líderes que equilibram a responsabilidade humana com a soberania de Deus, entenderão que faz parte de sua responsabilidade trabalhar pelo início de novas igrejas. Isso os levará a investir dinheiro em novas igrejas, e estarem dispostos a “abrir mão” de líderes, famílias e amigos, enviando-os a um projeto de plantação de nova igreja.

CONCLUSÃO

A tese básica desse artigo é que o crescimento numérico da igreja local depende tanto da soberania divina, quanto da responsabilidade humana e que, embora essa afirmação pareça ser contraditória, ela é bíblica e por isso devemos manter essas duas perspectivas em tensão e equilíbrio. O propósito desse artigo era fundamentar bíblicamente essa tese, mostrar como o desequilíbrio entre essas duas verdades é danoso e propor, a partir do ministério do apóstolo Paulo, algumas diretrizes para equilibrarmos essas verdades em nosso ministério.

Para fundamentar bíblicamente a tese central desse artigo, analisamos três textos bíblicos: (1) 1Coríntios 3.5-9, no qual Paulo afirma claramente que Deus é quem dá o crescimento para a igreja, destacando a soberania divina; (2) Romanos 10.14-15, no qual Paulo deixa claro que ninguém se converterá se não houver quem pregue, destacando a responsabilidade humana; (3) Atos 18.9-11, no qual Deus diz para Paulo que ele deveria pregar porque ele tinha muito povo naquele local, o que enfatiza a responsabilidade humana e a soberania de Deus ao mesmo tempo.

Após essa fundamentação, falamos sobre o perigo de não equilibrar bem essas duas verdades. Foi apresentado que a falta de equilíbrio nos leva a cair em dois erros igualmente perigosos, que produzem igrejas disfuncionais: (1) enfatizar a responsabilidade humana em detrimento da soberania divina, o que nos levará a cair em uma teologia arminiana e a desenvolver um ministério que confia em métodos, tende a manipulação e exalta homens; (2) enfatizar a soberania de Deus em detrimento da responsabilidade humana, o que nos levará a cair no hipercalvinismo e a desenvolver um ministério acomodado, indiferente com relação ao mundo perdido, com pouca oração e com sermões sem aplicações.

Em seguida, fizemos um panorama de como Paulo equilibrava essas duas verdades em seu ministério. Destacamos oito características: (1) Oração; (2) Pregação ousada e integral do evangelho; (3) Profundo amor por incrédulos e desejo intenso de que eles se convertam; (4) Iniciativas múltiplas e intencionais para evangelizar os perdidos; (5) pregação contextualizada aos ouvintes; (6) flexibilidade cultural estratégica; (7) formação de novos líderes; (8) plantação de novas igrejas como principal estratégia de expansão.

Todos os líderes eclesiásticos são chamados a meditar profundamente em como estão desenvolvendo seus ministérios e equilibrando a responsabilidade humana e a soberania divina, porque, caso não equilibrem esses dois aspectos de modo bíblico, além de pecarem contra Deus, terão ministérios disfuncionais e pouco frutíferos.

BIBLIOGRAFIA

ARNDT, William et al., *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada: O Pecado e a Salvação em Cristo*. Org. John Bolt, trad. Vagner Barbosa, 1ª edição, vol. 3. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.

BEEKE, Joel. *Espiritualidade Reformada*. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos campos, SP: Fiel, 2014.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. trad. Odayr Olivetti. Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1990.

BROADUS, John A. *O preparo e a entrega de sermões*. Trad. Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1960.

CALVINO, João. *As institutas – Volume III*. 2ª ed. Trad. Waldir Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CAMPOS, Heber Carlos. *A graça preveniente na tradição arminiana/wesleyana (parte 1)*. Fides Reformata XVII, 2012, Nº 1, 25-43.

CAMPTON, W. Gary; TALBOT, Kenneth. *Calvinismo, hiper-calvinismo & arminianismo: Um guia teológico*. Editora Monergismo. Edição do Kindle.

CARSON, D. A. *Soberania divina e responsabilidade humana: Perspectivas bíblicas em tensão*. Edição do Kindle. São Paulo: Vida nova, 2020.

CIAMPA, Roy E.; ROSNER, Brian S., *The First Letter to the Corinthians, The Pillar New Testament Commentary*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010.

COLE, Neil. *How many Churches did the apostle Paul start?* Church Planting, 2020. Disponível em <https://churchplanting.com/how-many-churches-did-the-apostle-paul-start/#:~:text=He%20probably%20started%20close%20to,Laodicea%2C%20Colossae%2C%20and%20Hieropolis.>>. Acesso em 19 de Outubro de 2023.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER.

DAVIE, Martin et al., *New Dictionary of Theology: Historical and Systematic*. London; Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2016).

DEVER, Mark. *Nove marcas de uma Igreja Saudável*. São José dos Campos, SP: 2018.

DEYOUNG, Kevin. *O objetivo de missões e o trabalho dos missionários*. Coalizão pelo Evangelho, 2016. Disponível em <https://coalizaopeloevangelho.org/article/o-objetivo-de-missoes-e-o-trabalho-dos-missionarios/>. Acesso em 19 de Outubro de 2023.

DEYOUNG, Kevin. *The what and why of hyper-calvinism*. Disponível em < <https://www.thegospelcoalition.org/blogs/kevin-deyoung/the-what-and-why-of-hyper-calvinism/>>. Acesso em 11 de Outubro de 2023.

EBY, David. *Pregação poderosa para o crescimento da Igreja*. Trad. Else Lemmos. São Paulo: Editora Candeia, 2001.

FIGUEIREDO, Pe. Pedro Paulo. *São Paulo percorreu mais de 16 mil Km em suas viagens?* Revista arautos do Evangelho, São Paulo, N. 147, Março 2014.

FINNEY, Charles. Citado por SANTOS, Gilson. *Avivamento – As perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney*. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/>. Acesso em 11 de Outubro de 2023.

GOHEEN, Machael W. *A igreja missional na Bíblia*. Trad. Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida nova, 2014

GRANCONATO, Marcos. *William Carey: A vida e a obra do Pai das missões modernas*. Biblioteca Charles Spurgeon, 2023. Disponível em < <https://spurgeononline.com.br/artigos/william-carey-a-vida-e-a-obra-do-pai-das-missoes-modernas/> >. Acesso em 13 de outubro de 2023.

GUDER, Darrell L. *Missional Church: A vision for the sending os church in North America*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing, 1998.

HENDRIKSEN, W. *1 e 2 Timóteo e Tito*. 2ª edição. Trad. V. G. Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011.

HENDRIKSEN, W. (2011) *Romanos*. 2ª edição. Trad. V. G. Martins. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011.

HORTON, Michael. *O legado de Charles Finney*. Disponível em < <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-legado-de-charles-finney/>>. Acesso em 11 de Outubro de 2023).

JOHNSON, Alan F., *1 Corinthians, vol. 7, The IVP New Testament Commentary Series*. Westmont: IVP Academic, 2004.

KELLER, Tim. *Igreja Centrada*. Trad. Eulália Pacheco Kregness. São Paulo, SP: Vida nova, 2014.

KELLER, Tim. *Why plant churches? Redeemer city to city*, 2002. Disponível em <<https://redeemercitytocity.com/articles-stories/why-plant-churches>>. Acesso em 19 de Outubro de 2023.

KISTEMAKER, S. *1 Coríntios* . 2ª Edição. Traduzido por HHG Silva. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014, p. 376.

KISTEMAKER, Simon. *Atos – Volume 2*. Trad. Ézia Mullis e Neuza Batista da Silva. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2016.

LAWRENCE, Michael. *Sem aplicação? Então você não pregou!* Editora Fiel, 2015. Disponível em <<https://ministeriofiel.com.br/artigos/sem-aplicacao-entao-voce-nao-pregou>>. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

LIDÓRIO, Ronaldo. *Comunicação e cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 24

LONGENECKER, Richard N. *The Epistle to the Romans: A Commentary on the Greek Text* (NIGTC). Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2016.

MARSHALL, Colin. *A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo*. Trad. Francismo Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015.

MARSHALL, I. Howard. *Atos dos apóstolos – introdução e comentário*. Trad. Julio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo, SP: Vida Nova, 1982.

MORRIS, Leon. *The Epistle to the Roman*. Grand Rapids, MI; Leicester, England: W.B. Eerdmans; Inter-Varsity Press, 1988.

MOUNCE, Robert H., *Romans, vol. 27, The New American Commentary*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1995.

MURRAY, J. *Romanos: Comentário Bíblico*. 2ª Edição. Organizado por T.J. Santos Filho. Traduzido por J. Bentes. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2016, p. 410.

NICHOLS, Stephen. *What is Hyper-Calvinis, and how does it relate to Reformed theology?* Youtube, 2023. < <https://www.youtube.com/watch?v=veUDhQPk3hU> >. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

NICODEMUS, Augustus. *Hipercalvinismo*. Youtube, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=f8l0Am2cGZM>>. Acesso em 11/10/23, tradução nossa.

NICODEMUS, Augustus. *Salvos pelo fogo (1Co 3.5-17)*. Youtube, 2023. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Y5C1Wgo3KrE&list=PLQ__Kbt7xtI95xrCEtK1k6uwdsWfupUTT&index=8. Acesso em 03/10/23.

NICODEMUS, Augustus. *Tudo para com todos (1Co 9.15-27)*. Youtube, 2023. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Z2X9y_VxtzY&list=PLQ__Kbt7xtI95xrCEtK1k6uwdsWfupUTT&index=23. Acesso em 18 de Outubro de 2023.

OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: Mitos e realidades*. Trad. Wellington Mariano. São Paulo, SP: Editora Reflexão, 2013.

OSBORNE, Grant R., *Romans - The IVP New Testament Commentary Series*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004.

PACKER, J. I. *A evangelização e a Soberania de Deus*. Trad. Gabriele Greggersen. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2002.

PIPER, John. *What is Hypercalvinis?* Disponível em < https://www.desiringgod.org/interviews/what-is-hyper-calvinism?utm_source=facebook&utm_medium=paidsocial&utm_content=apj&utm_campaign=2020/02/09%20-%20DG%20-%20New%20Teaching>. Acesso em 11 de Outubro de 2023.

POLHILL, John B.. *Acts, vol. 26, The New American Commentary*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992.

RAINER, Thom S. *The Book of Church Growth: History, theology, and principles*. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 1993.

REGA, Lourenço Stelio. *Noções do grego bíblico: Gramática fundamental*. São Paulo, SP: 2004, p. 129.

SANTOS, Valdeci. *Pregação expositiva (Material utilizados no MDiv do CPAJ)*. Material não publicado.

SCHREINER, Thomas R. *1 Corinthians: An Introduction and Commentary*. London: InterVarsity Press, 2018.

SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da Igreja*. Curitiba, PR: Editora esperança, 2010.

SILVA, Ricardo Agreste. *Bases teológicas e estratégicas na plantação de igrejas*. Material não publicado.

SPROUL, R. C. *Reformed view on "Double Predestination"*. Youtube, 2021. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=9_N8zpk5ojU>. Acesso em 12 de Outubro de 2023, tradução nossa.

SPROUL, R. C. *Why the sovereign act of election is no fatalistic determinism?* Youtube, 2017. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=uPMkfywb8GE> >. Acesso em 13 de Outubro de 2023.

STETZER, Ed. *Plantando igrejas missionais*. Trad. A. G. Mendes. São Paulo, SP: Vida Nova, 2015.

STETZER, Ed. *The Evolution of Church Growth, Church Health, and the Missional Church: An Overview of the Church Growth Movement from, and back to, Its Missional Roots*. Journal of the American Society for Church Growth, Winter 2006.

STOTT, John. *A mensagem de Atos: Até os confins da terra*. Trad. Markus André Hediger e Lucy Yamakami. 2ª Ed. São Paulo, SP: ABU Editora, 2008.

STOTT, John. *Lendo Romanos com John Stott: Volume 2*. Trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

SWANSON, Dennis M. Source: *The Master's Seminary Journal*, 7 n°2, 1996, p. 284.

TAYLOR, Mark , *1 Corinthians - The New American Commentary*. Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2014.

THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the Greek text, New International Greek Testament Commentary*. Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 2000.

TOON, Peter. *The Emergence of Hyper-Calvinism in English Nonconformity 1689-1765*. London: The Olive Tree, 1967.

WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo, SP: Editora Vida, 2008.

YARBROUGH, Robert W. *The Letters to Timothy and Titus*. Grand Rapids, MI; London: William B. Eerdmans Publishing Company; Apollos, 2018.